



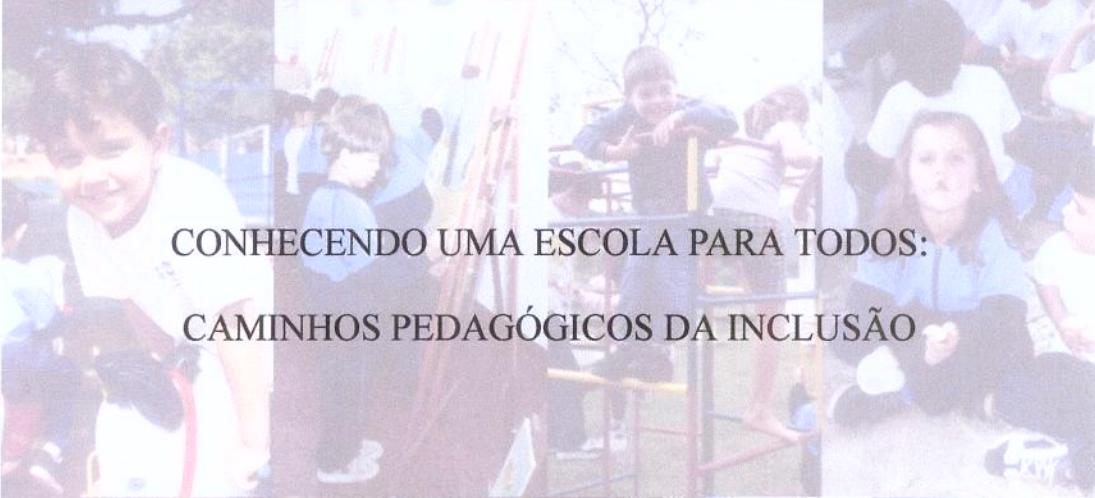
1290000128



FE

TCC/UNICAMP M333c

TATIANA PICARELLI MARCOLINO



CONHECENDO UMA ESCOLA PARA TODOS:  
CAMINHOS PEDAGÓGICOS DA INCLUSÃO



CAMPINAS-SP  
2001

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

TATIANA PICARELLI MARCOLINO

CONHECENDO UMA ESCOLA PARA TODOS:  
CAMINHOS PEDAGÓGICOS DA INCLUSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência parcial para o curso de Pedagogia  
da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a  
orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Teresa Eglér Mantoan

Campinas – SP  
2001

© by Tatiana Picarelli Marcolino, 2001.

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	YCC/UNICAMP
	M333c
V:	EX:
TOMBO:	128
PROC.:	124103
C:	D: X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	3.11.10.2003
Nº CPD:	for. ad. 329 2008

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

M333c

Marcolino, Tatiana Picarelli.

Conhecendo uma escola para todos : caminhos pedagógicos da  
inclusão / Tatiana Picarelli Marcolino. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Maria Teresa Eglér Mantoan.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Colégio Dom José Lafayette F. Álvares (Bragança Paulista, SP).
2. Escolas - Qualidade. 3. \*Inclusão. I. Mantoan, Maria Teresa Eglér.
- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
- III. Título.

01-0217-BFE

COMISSÃO JULGADORA

---

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Teresa Eglér Mantoan*  
*1<sup>a</sup> leitora*

---

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Ap. Cação Fontana*  
*2<sup>a</sup> leitora*

## DEDICATÓRIA

*Para Joaquim José e Tarsila, meus pais,  
pelos quais tenho grande respeito, admiração e amor,  
e que sempre estiveram ao meu lado,  
acreditando em mim.*

*Espero que este trabalho represente para vocês  
um pouco da minha capacidade  
e que seja ponto de partida para grandes realizações...*

*Ao Elielson, com quem desejo partilhar  
vitórias e conquistas ao longo da vida,  
a começar por esta ...*

*A todos aqueles que acreditam,  
e àqueles que ainda não,  
que nosso mundo precisa de inclusão.*

## AGRADECIMENTOS

*À Maria Teresa Eglér Mantoan  
pela orientação e por possibilitar  
que eu começasse a realizar um  
vôo no caminho da inclusão.*

*À Rosana Melli, supervisora psicopedagógica  
desta Escola para Todos, pela atenção contínua,  
esclarecimentos e partilhas de momentos felizes...*

*À minha prima, Mila por ter me dado um  
grande impulso para que eu começasse a  
realizar o presente trabalho.*

*À minha revisora e mãe-professora, Tarsila,  
pelas vezes que a tirei de suas tarefas  
para se dedicar à correção do meu trabalho.*

*Lutar pelo advento de uma sociedade na qual a criança possa desenvolver-se integralmente, o mais humana e harmoniosamente possível, criar o clima favorável ao seu desabrochar, que desejamos e preparamos, é um dos primeiros deveres pedagógicos.*

(FREINET, 1994, p. 70)

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	- resumo do problema e objetivos	08
<b>Desenvolvimento</b>		15
Educação de Qualidade: Direito de Todos	ref. teórico	15
O longo caminho da inclusão		16
O Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares		30
Um pouco da sua história...		30
Os princípios norteadores		33
Sua equipe pedagógica, seus alunos e seus pais		37
Como se organiza pedagógica...	observações informações discussão + análise	39
...e financeiramente		58
Recursos físicos que atendem essa escola para todos		59
<b>Conclusão</b>		64
Considerações finais		67
Referências bibliográficas		69
Bibliografia		75

## INTRODUÇÃO

Nas escolas de hoje encontramos uma realidade que nos faz questionar seus propósitos e refletir sobre suas práticas. O contexto escolar apresentado pelos professores e pela escola é muito diferente do que os alunos esperam, desejam e realmente necessitam para se desenvolverem plenamente.

As escolas ensinam conteúdos que não atendem aos interesses de seus alunos e que são descontextualizados.

A desconexão entre o que é oferecido nas escolas e a vida dos alunos faz com que as crianças percam o interesse por estudar, passando a criar dois momentos em suas vidas, os passados na escola e aqueles fora da escola - muitas vezes mais prazerosos e educativos.

As práticas escolares em geral consistem em transmitir conteúdos disciplinares selecionados por coordenações pedagógicas, leitura de livros didáticos, avaliações sistematizadas, entre outras. Com isso, as aulas são apresentadas como um saber pronto, inquestionável e verdadeiro, os conteúdos curriculares são transmitidos aos alunos, que reproduzem esse saber inquestionável nas provas, realizadas em momentos determinados pelos professores.

Os conhecimentos são adquiridos de forma fragmentada em aulas de Língua Portuguesa, de Matemática e outras, sendo que cada uma possui a sua especificidade, relevância e importância em si mesmas e não oferecem uma oportunidade para que os alunos reflitam sobre a sua realidade, através das contribuições dos componentes curriculares como um todo.

Dessa forma, o conhecimento torna-se limitado, quebrado e é passado aos alunos durante os tempos de aula em todas as séries escolares; observam-se uma hierarquia e uma seqüência daquilo que deve ser conhecido pelo aluno e há matérias consideradas de maior relevância, que devem, por isso, ser mais valorizadas.

Todos esses dados demonstram que a preocupação da escola não está na formação dos alunos e sim na transmissão de informações, ou seja, o ensino ocorre

com ênfase nos programas escolares das séries, e a educação acaba tendo apenas a função de instrução, de introjetar idéias prontas nas crianças desde quando elas entram na escola, assim como serve para transmitir-lhes os valores que a sociedade considera corretos.

Assim, tanto a organização dos dias letivos quanto o desenvolvimento dos conteúdos escolares são desvinculados das experiências e dos interesses dos alunos. “[...] *As teorias que o professor explica são abstrações, pressupostamente necessárias à vida futura do ‘bom cidadão’ e do ‘profissional competente’.* Não há relação com o mundo e com a vida”. (Fleuri, 1986, p. 46).

As relações sociais no interior da escola constituem uma espécie de totalitarismo, como trata Larrosa (1998), visando controlar, dominar as crianças e o que lhes deve ser ensinado, de forma que a incerteza, o novo, o diferente devam ser eliminados. Torna-se, portanto, uma relação cada vez mais insatisfatória e sem sentido.

Os alunos não podem errar, pois errando estão indo contra o que se espera deles, contra o conhecimento que se gostaria que tivessem. Existem até mesmo alunos que repetem porque têm uma compreensão própria, que foge às exigências da escola.

Nas escolas tradicionais, os alunos fracassam não por serem incapazes de aprender, mas pelo fato de não encontrarem possibilidades e oportunidades para se desenvolverem plenamente e para aprenderem significativamente.

Conseqüentemente, muitos chegam a abandonar as escolas, pois elas nada têm a lhes oferecer. Além disso, essas escolas acabam sendo uma espécie de “Escola de Alguns”, cuja organização, estrutura e formação de seus profissionais não possibilita nem mesmo que todas as crianças tenham acesso a elas.

Para que a escola volte a ter sentido, tenha razão de existir e traga benefícios às crianças, ela tem de reencontrar a vida, mobilizá-la e servi-la, dar-lhe um objetivo; e para isto deve abandonar “[...] *as velhas práticas, mesmo que elas tenham tido a sua majestade, e adaptar-se ao mundo do presente e do futuro*”. (Freinet, 1977, p.16)

Certamente, a escola com práticas tradicionais não está preparada para uma educação inclusiva, que considera que a “Escola é de Todos”, ou seja, única e regular, e que todas as crianças têm o direito de aprender na escola regular, independente das suas dificuldades ou deficiências.

A. ...

As práticas nas escolas em geral ainda não evoluíram; os métodos de ensino continuam antigos. Atualmente, a sociedade exige pessoas mais capazes de improvisar, mais criativas, versáteis e com autonomia, e, para tal, a escola – como se configura há algumas décadas – precisa se modernizar, desenvolver práticas e atitudes que valorizem as diferenças.

Pensar em uma escola para todos implica aceitar que existem diversos tipos de alunos, novos saberes, outras formas de resolver problemas, de avaliar a aprendizagem, e a escola tradicional, não estando preparada para esse novo enfoque educacional, sente-se ameaçada por ele.

A escola tradicional conta sempre com os alunos ideais, as classes homogêneas, acreditando proporcionar desta maneira harmonia durante as aulas, obediência dos alunos, receptividade do conteúdo passado, ou seja, quer evitar problemas de toda ordem. Desta forma, não cabem em suas salas de aulas crianças com qualquer tipo de deficiência, para as quais resta apenas o convívio com professores especializados e com os demais colegas que têm algum tipo de deficiência, em escolas e classes especiais.

As escolas tradicionais, reafirmamos, buscam o aluno ideal, excluindo todos os demais que podem desestabilizar o andamento das práticas realizadas em sala, a seqüência da sua programação, denominando os diferentes do tipo “aluno ideal” como: os carentes, os indisciplinados, os agressivos, os deficientes. Neste contexto, surgem rótulos, classificações, estereótipos, que intensificam as injustiças na escola, excluindo cada vez mais crianças, as quais acabam sendo encaminhadas a modalidades de ensino, espaços e programas segregadores, pois acredita-se que estas sejam as formas pelas quais as crianças terão melhores oportunidades de aprender.

Segundo Larrosa (1998), na educação escolar há uma “luta” entre o real instituído (normas, regras e valores) e o real instituinte (sociabilidade que existe nas relações entre os seres que são enigmas, cujas histórias próprias não se pode dominar). No âmbito das relações entre os seres, o real instituinte desestabiliza o real instituído, porque o contato com o outro, que é diferente de nós, com o imprevisível que partilha o mundo conosco, porém com base nas suas vivências e culturas, possibilita diversos movimentos e formas de agir que confrontam as regras e os valores pré-determinados.

Em resumo, as práticas escolares adotadas pela maioria das escolas demonstram a sua incapacidade de atuar diante da complexidade, da diversidade, da

variedade, ou seja, daquilo que realmente somos. As escolas tradicionais afastam-se daqueles que as ameaçam, visando preservar tudo o que construiu e que vêm mantendo há anos.

Porém, atualmente, cresce na sociedade a necessidade de se criarem possibilidades para que se efetive uma escola para todos, oferecendo qualidade e oportunidades aos alunos, sem quaisquer limites ou condições.

Conclui-se, então, conforme FEIL (1983)

*[...] que os métodos tradicionais estão totalmente desintegrados do meio social. Suas finalidades, suas regras, suas prioridades são diferentes das necessidades reais da criança. Sua proposta está defasada, e, com isto, torna-se impotente para facilitar ou permitir que a criança seja ela mesma, que cresça, que pense. A realidade muda constantemente e as aulas pararam no tempo e no espaço! (...) A criança é barrada em sua criatividade, pois é obrigada a trilhar caminhos pré-concebidos. Se a criança não der a resposta esperada é sempre ela o problema, nunca a metodologia (p. 29).*

A educação inclusiva visa oferecer qualidade e possibilidades escolares a todas as crianças, fato que ameaça o ensino tradicional. Essa nova perspectiva requer novos paradigmas, ferramentas, tecnologias educacionais, ou seja, as escolas inclusivas exigem novas condições para que possam atender a todas as crianças. Em consequência, as escolas têm de rever suas propostas, além de aprender a trabalhar com todos os alunos, a direção, pais, comunidade escolar.

Para que seja possível uma educação inclusiva, portanto, é preciso que a escola seja única, que não separe os alunos entre modalidades regular e especial, que cultive o espírito da cooperação ao invés da competição, que faça com que as diferenças dos alunos provoquem a união, e que os talentos de cada um apareçam como benefício para seus portadores e complemento para os demais colegas.

Os currículos precisam ser elaborados e executados com base na interação entre professores e alunos. Estes devem participar da organização do trabalho escolar desde o planejamento até a avaliação. A distribuição e a transmissão unilateral dos conteúdos escolares pelo professor à sua turma não cabem nessa nova proposta.

Para serem inclusivas, as escolas precisam organizar-se em ciclos de desenvolvimento e formação. Nesses ciclos, o tempo de aprender não é quebrado e centrado apenas no período em que a disciplina é oferecida na grade curricular, e

assim, as disciplinas não são demarcadas por tempos específicos de aprendizagem, como acontece na organização das turmas por séries.

Aos professores cabe fazer acontecer a educação ao invés de executar a tarefa de ensinar programas prontos e elaborados por outros. Nesse contexto, a avaliação da aprendizagem deixa de ser uma forma de analisar apenas o aluno, passando a analisar conjuntamente o aluno, o ensino e a atuação dos professores.

A escola inclusiva não é possível sem a participação dos pais, pois eles são a força estimuladora e reivindicadora, que sempre busca o melhor para os seus filhos – tendo deficiência ou não.

Para proporcionar a todos os alunos uma educação escolar sob a perspectiva inclusiva é preciso pensar na educação, objetivando a formação integral da criança e não apenas a sua instrução.

Gallo (citado por Alves, 2000) coloca que a instrução deve fazer parte da educação, pois é através dela que os alunos terão acesso às ferramentas básicas para a comunicação, para os conhecimentos sobre o mundo e sobre a sociedade. Refere-se também ao processo educativo que não se concretiza apenas através da instrução, mas necessita envolver a formação social. Esta formação se faz por meio das relações sociais e de posturas educacionais que sejam expressão de liberdade, autenticidade e responsabilidade.

Considerando a formação integral dos alunos como objetivo da educação, é possível pensar em uma educação que respeita os educandos e que proporciona oportunidades a todos de se desenvolverem, segundo seus talentos e em seus ritmos e estilos de aprendizagem.

Ocorre que muitas escolas utilizam o discurso da inclusão, acreditam proporcionar condições para que todos os alunos tenham uma formação integral, mas realmente não praticam inclusão dentro das suas salas de aula.

Diante deste fato, nosso interesse é conhecer o que realmente faz com que uma escola vivencie a inclusão a que se propõe. Fomos, então, ao encontro dessas escolas e nos propusemos a conhecer uma delas.

Trata-se do Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, da cidade de Bragança Paulista-SP, uma escola que se identifica com a inclusão. Nossa intenção foi verificar se a sua organização escolar, realmente, correspondia ao que é próprio de uma escola que aceita incondicionalmente as diferenças, não discrimina/segrega alguns alunos.

Para tanto, passamos a observar a escola em funcionamento, no decorrer do ano de 2001 e a participar de suas atividades. Conhecemos os projetos que as crianças realizam durante as aulas, os momentos de recreação, de alimentação, as conversas dos professores e demais funcionários; participamos das reuniões de supervisão e de professores, e dos projetos desenvolvidos com os pais.

Nossos objetivos neste trabalho definiram-se no que se segue:

- verificar se a escola Dom José Lafayette Ferreira Álvares atende ao seu compromisso de formar alunos numa perspectiva inclusiva;
- conhecer como essa escola se organiza pedagógica e administrativamente para alcançar esse propósito, e em que difere de outras escolas;
- verificar o que a escola oferece aos seus professores para o aprimoramento da formação desses profissionais;
- entender como a escola propõe concretizar a participação dos pais.

No editorial da Revista Educação (ano 26, nº 224, dez 1999, p. 11) encontramos esta citação:

*Inclusão. Essa é uma palavra que precisa ser mais bem definida e mais praticada. Não há razão para que alguém seja de antemão descartado, isolado, oprimido, negado. Que lugar reservamos para o pobre, a criança, o idoso, o negro, o doente, o portador de deficiência física ou mental? Quem tem autoridade para estabelecer a quem pertence este mundo que todos constroem? Ninguém pode ficar de fora...*

Por esta razão sentimos necessidade de buscar escolas que se propõem a não deixar ninguém de fora. Acreditamos que a educação não pode mais excluir aqueles que fazem parte do nosso mundo, que contribuem com a sua parte para a nossa vida. Todos devem ter possibilidades de conviver com todos, e quem somos nós para tentar impedir essa convivência?

Devemos intensificar essa idéia e buscar formas para que melhor ela aconteça.

Com esse trabalho esperamos reanimar os professores, os pais e reavivar a certeza de que é possível uma educação para todos e de melhor qualidade.

Pretendemos demonstrar que a educação inclusiva é possível. Não existem manuais para nos ensinar como fazê-la e é preciso vivenciar cada momento de sua construção criando situações nas quais todos possam ter um ensino de qualidade.

Assim, buscamos uma escola com a qual todos sonhamos mas que na prática poucos sabem como concretizá-la.

O que é preciso para efetivar este sonho? Ele é possível? É a isso que nos propomos. Mostrar se é possível ou não, uma escola verdadeiramente inclusiva, quais são os seus limites e as suas possibilidades de realização.

## DESENVOLVIMENTO

### Educação de Qualidade: Direito de Todos

*[...] o direito de todos à educação pública e gratuita, além de estar assegurado nas Constituições – desde a de 1824 – (Januzzi, 1992, p.22), é reafirmado desde a Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 4.024/61. Essa LDB/61 já recomendava a integração das pessoas com deficiência à comunidade [...] (Castro, 1997, p. 15)*

O fato de o direito à educação pública e gratuita ser decorrente de lei deveria garantir que todos os alunos com algum tipo de deficiência ou não, tivessem acesso ao ensino na escola regular, mas, na prática, não é bem isso que sabemos que acontece.

A Constituição Federal de 1988 assegura o acesso à educação com o direito à igualdade, à não discriminação e à educação para todos. No cap II, art. 205 encontramos os objetivos a que a escola deve atender:

- pleno desenvolvimento da pessoa;
- preparação para a cidadania;
- qualificação para o trabalho.

Esses objetivos são baseados no princípio da igualdade de condições para o acesso e permanência de todos (art. 206). Com isso a Lei garante a todos os cidadãos *o acesso aos níveis mais elevados de ensino, da pesquisa e da criação artística segundo a capacidade de cada um* (art. 208-V). Interpretamos essa capacidade como respeito às potencialidades de cada pessoa, além do direito ao conhecimento.

Outra garantia da Lei (art. 208-III) diz respeito *ao atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino*, promovendo instrumentos e recursos necessários à eliminação de barreiras de toda ordem.

O caminho que possibilita esse ensino a todos encontra divergências em idéias de autores, e interpretações equivocadas por parte de escolas e profissionais da educação. Por exemplo, quando a Lei traz em seu artigo 208 - III o termo “preferencialmente”, possibilita que o interpretem como opção por uma ou outra modalidade de ensino: a regular ou a especial. Desta forma, a maioria das escolas acredita que age corretamente ao oferecer atendimento, quando opta pelo ensino especial para atender às crianças com deficiências ou qualquer dificuldade de aprender.

A Lei, ao possibilitar interpretação ambígua, faz com que as escolas adotem práticas escolares e posicionamentos segregativos, acreditando proporcionar ensino com qualidade a todos.

A inclusão não ocorre da noite para o dia, e algumas escolas já vêm percorrendo um longo caminho, em busca de melhoria nas suas práticas, para oferecer ensino de qualidade a todos. É necessário percorrer estes caminhos para que se efetive a inclusão, e são necessárias mudanças tanto na escola quanto na sociedade, se quisermos alcançar esse fim. A escola regular precisa se preparar para oferecer educação para todos.

Nesse contexto, podemos demonstrar um pouco do caminho<sup>1</sup> que abrange a educação de pessoas com deficiência. Estas, inicialmente, foram segregadas, excluídas e agora estão começando a ter as mesmas oportunidades das pessoas sem deficiência, ou seja, estão conquistando os mesmos direitos de frequentar uma escola regular com as mesmas oportunidades, sejam educacionais, sociais, ou de qualquer outra ordem.

### **O longo caminho da inclusão ...**

Antes de 1900, não havia atenção educacional às pessoas com necessidades especiais, uma vez que não eram consideradas capazes de receber educação escolar. Nota-se nesse período uma exclusão total dessas pessoas, na escola e na sociedade.

No período de 1920 a 1970, pela impossibilidade de acesso das crianças e jovens com deficiência às escolas comuns, porque eram excluídos e segregados, as

---

<sup>1</sup> Escrevemos *O longo caminho da Inclusão...* com base no quadro trazido por SASSAKI, Romeu. *Educação*. Ano 26, nº 224, dezembro de 1999, p. 39

famílias uniram-se para criar possibilidades educacionais para eles. Criaram-se escolas especiais, além do atendimento que ocorria nos hospitais e nas próprias residências com o mesmo propósito.

São notáveis a exclusão e a segregação pelas quais essas crianças e esses jovens passaram, em abrigos e em serviços médicos, sociais e religiosos. Existiam, por parte da família e da sociedade, atitudes de superproteção, piedade e caridade, ocasionando-lhes uma vida marginalizada, além de serem vistos como pessoas inválidas, socialmente inúteis e incapazes permanentemente.

Alguns anos mais tarde, nas décadas de 60 - 80, surgem programas e serviços de reabilitação e de educação especial. As famílias passaram a acreditar que seus filhos com deficiência deveriam enfrentar os desafios da vida e integrar-se à sociedade.

A imagem das pessoas com deficiência passou a ser de “coitadinhos” - vítimas do destino ou da sociedade -, de “vilões” – como o Capitão Gancho – a “super-heróis”. Essas pessoas foram muito esforçadas, capazes de superar todos os obstáculos que lhes apareceram na vida em sociedade.

Com esse novo olhar da sociedade e da família em relação à pessoa com deficiência, a partir de 1970, dá-se início à integração nas escolas comuns de crianças e jovens com deficiência, daqueles considerados mais aptos para acompanharem as aulas. Mesmo assim, as escolas especiais continuam a existir e novas foram criadas, além das salas de recursos dentro das escolas comuns.

Na sociedade e na família, a partir dos anos 80, muda-se a idéia de como as pessoas com deficiências devem conviver com as demais. O ideal da integração deu lugar à inclusão, ou seja, acredita-se, hoje, que a sociedade e a família devam adaptar-se às necessidades de todas as pessoas, com ou sem deficiência e não o contrário.

A partir de então, as pessoas com deficiência passaram a lutar para serem vistas como pessoas capazes de tomarem decisões, tendo autonomia física ou social nos ambientes onde frequentam.

∞ Considerando esta nova forma de pensar, a partir dos anos 90, emerge nas escolas o propósito de que todas as pessoas devem ser incluídas nas salas do ensino regular. Os ambientes físicos e os procedimentos educativos teriam de ser adaptados para atender à diversidade do alunado, de forma que fossem consideradas as necessidades de todos os alunos.

Esse propósito de incluir todos os alunos vem crescendo, porém, dados trazidos por Dr<sup>a</sup> Eugênia Augusta Gonzaga Fávero, do Ministério Público Federal, Procuradora da República em São Paulo, demonstram-nos que ainda são poucas as escolas que realmente incluem todos os alunos.

- Escolas Públicas: superlotadas – 35 milhões de crianças
- Escolas Privadas: minoria, havendo uma espécie de segregação no atendimento.

Há 374 mil crianças com deficiência em todos os níveis sendo que:

- 117 mil: rede privada (Entidades Filantrópicas e não governamentais)
- 195 mil: ensino fundamental
- 3.190: ensino médio

Nota-se, desta forma, que 80% dos deficientes ainda estão a cargo da filantropia, sendo atendidos em instituições especializadas.

Concordamos com as sugestões propostas por Fávero<sup>2</sup> para que a escola realmente seja inclusiva, aberta a todos. Para tal, é preciso:

1. que haja conscientização dos direitos de todos ao acesso a níveis mais elevados de ensino;
2. que os métodos de ensino sejam adequados, com base na pesquisa, na construção de conhecimentos, segundo as potencialidades de cada aluno e em ambiente cooperativo;
3. que a inclusão não signifique inchaço na escola; não se deve enchê-la de especialistas para atender ao aluno diferente;
4. que a escola acolha as famílias, assumindo um compromisso ético e moral, contando com o auxílio da lei para esse fim. A escola deve ser um espaço de pleno desenvolvimento para a cidadania, de acolhimento de todos tentando suprir as necessidades de cada um.

---

<sup>2</sup> Na Mesa Redonda realizada no dia 19/09/2001: **O direito à diferença na igualdade de direitos**, realizada pelo Núcleo Temático: Escola, Diversidade e Educação no Auditório da Faculdade de Economia/UNICAMP

A cidadania a ser desenvolvida na escola pode ser apreciada num trecho do livro de Rubem Alves (2001) sobre a Escola da Ponte em Portugal e que se intitula *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. O texto traz um momento de trabalho entre duas crianças: Marco – o qual não sabia quem era o pai e sofria por isso, e André – rotulado de “mongolóide”, isolado dos demais alunos, mudou-se de escola e foi acolhido pelo grupo.

O autor citado nos revela:

*[...] As crianças estavam absorvidas no cotidiano labor de aprender e de aprender a ser. O professor ia passando entre os grupos, disponível para o que fosse preciso. Deteve-se junto àquele, pois havia detectado a presença de estranhos instrumentos mediadores de aprendizagem. Não conteve a curiosidade. Pediu desculpa ao Marco pela interrupção e perguntou que papéis eram aqueles. “Sabe, professor, ontem estive a ajudar o André a perceber o que era um nome. E ele parece que ficou na mesma...” – respondeu o Marco. “E então?” – insistiu o professor. “Fui para casa a cismar, a cismar... E pensei em fazer umas fichas e fiz as fichas. Trouxe-as hoje e olha o André, agora, parece que já percebeu tudo. Não acha?” O professor não conseguiu articular a resposta. Passou a mão na cabeça do Marco. Voltou as costas ao grupo, porque a verdade é que os homens também choram.[...] “Todos vamos ter que ser professores de todos e cada um dos que sabem um pouco mais ensinará os que sabem um pouco menos”. (p.101)*

Essa é uma escola que demonstra ser aberta a todos, proporcionando condições para que todos os alunos se desenvolvam, que se ajudem uns aos outros. Este trecho demonstra que o fato de estarem reunidas num mesmo espaço, crianças comuns e crianças com deficiência, enriquece o sistema escolar. Segundo Mantoan, em entrevista à Revista Educação (1999), *“essa convivência em sala de aula traz melhorias não apenas às relações entre as crianças, mas à própria atividade do professor” [...] “Quando uma criança com deficiência entra na escola, ela é mais um motivo de estímulo para que essa classe aprimore seu trabalho com todas as crianças”*. (p.35)

Para essa nova escola, caracterizada pelos princípios da inclusão, é preciso, como afirma W. e S. Stainback (citado por Castro, 1997), a fusão da educação especial com a educação regular, formando assim uma estrutura que responde às necessidades únicas de todos os alunos. Assim, com base nos princípios da inclusão,

as escolas deveriam incorporar, num único sistema, um conjunto de recursos e de serviços dos dois tipos de educação.

Segundo estes autores (1997),

*[...] os alunos teriam, todos igualmente, acesso aos recursos e serviços conforme suas necessidades, sem ser necessários etiquetá-los com rótulos negativos. [...] Os educadores não seriam “especiais” ou “regulares”, somente educadores [...], poderiam partilhar suas competências e unir recursos para obter ao máximo o aproveitamento de seus esforços [...] (p.21)*

Para reconhecer e desenvolver a prática escolar com base nos princípios da inclusão, é necessário que as diferenças individuais dos alunos não sejam justificativas para segregar ainda mais as crianças, mantendo um sistema duplo para o atendimento de todos.

Afinal, os alunos possuem identidades próprias, valores, crenças, além de diferentes possibilidades, alcances que os acompanham desde pequenos e que são desenvolvidos no convívio familiar, no convívio social além do convívio escolar.

Desta forma, entende-se que a sociedade é marcada por diversas mentalidades culturais<sup>3</sup>, diversos pensares e formas de agir que se refletem na educação.

Assim, pensar numa educação significativa, de qualidade para todos requer entender a escola como um espaço de lutas, de conflitos, um espaço no qual há uma multiplicidade de culturas e mentalidades que reflete a heterogeneidade de pessoas e relações – o que não “admite” a homogeneização - que faz do cotidiano relações não inertes e onde há uma constante movimentação, um ir e vir que se reflete na sociedade e na educação.

Para o efetivo atendimento nas escolas com qualidade de ensino para todos, os defensores da inclusão intensificam o trabalho de conscientização dos pais de crianças com deficiência, dos professores, para que percebam a diferença entre a inclusão e a integração.

Sasaki (1999), considerando que esses dois conceitos não são sinônimos, sendo na verdade bem diferentes, explica que *“[...] a integração é um processo em que a pessoa com deficiência vai ser capaz de participar da sociedade do jeito que*

---

<sup>3</sup> Conforme Vieira (1999) trata-se da forma pela qual um grupo age, referência que marca a sua conduta. A mentalidade cultural é construída através das interações, das experiências da vida cultural que influenciam a vida dos seres no dia-a-dia, além do ambiente escolar.

*está. Já a educação inclusiva é uma proposta de tornar a educação acessível a todas as pessoas [...]” (p. 36)*

Integração e inclusão são duas posições relacionadas à inserção dos alunos na escola.

Ao nos depararmos com escolas que adotam uma postura integracionista, notamos que há a integração de apenas alguns alunos na escola, pois as práticas escolares do ensino regular acontecem; caso esses alunos consigam aprender, eles permanecem nessa modalidade com recursos ora em salas regulares, ora em classes especiais.

Neste contexto, os alunos precisam se “encaixar” nos serviços que a escola dispõe, ao invés de ela se adequar para atender às necessidades dos alunos respeitando as suas limitações. De acordo com Doré (citado por Castro, 1997), afirmamos que “[...] a escola oculta seu fracasso face aos alunos em dificuldades e os isolam nos serviços segregados de educação” (p. 25)

Na integração, a inserção dos alunos é parcial, distanciando-se do princípio de normalização tratado por Vienneau<sup>4</sup> (1993).

Tanto a inclusão quanto a integração adotam a normalização trazida por Vienneau, porém com diferentes ênfases, sendo que os defensores da inclusão a adotam integralmente e os da integração consideram-na ambígua.

O conceito de normalização é adotado integralmente pelos defensores da inclusão pelo fato de esta perspectiva opor-se a qualquer tipo de segregação, dentro e fora das escolas, abolindo então qualquer serviço segregador.

As práticas integracionistas realizadas em algumas escolas podem ser associadas à metáfora do sistema de cascata, cujos alunos estão na corrente principal, ou seja, no ensino regular enquanto conseguem se manter, pois, a partir do momento em que não resistem “à correnteza”, caem no sistema segregado, sendo encaminhados às classes especiais, por exemplo.

Mittler (1999) admite que a integração prepara as crianças para estudar numa escola e, para tal, ajuda-as a adquirir habilidades necessárias para permanecer nessa escola; não há pressuposição de mudanças na escola.

---

<sup>4</sup> entende-se por normalização que [...] toda pessoa deficiente deve viver o tanto quanto possível nas mesmas condições de vida que seus pares não deficientes sem considerar a severidade de sua deficiência [...] (p. 6)

Forest e Lusthans (citado por Castro, 1997) consideram que a integração possibilita aos alunos um meio menos segregado, defendendo o MEIO MENOS RESTRITIVO possível aos seus alunos, mas, desta forma, se os alunos não acompanham as classes regulares são encaminhados aos serviços segregados onde permanecem recebendo rótulos.

Na tentativa de oferecer ensino sem segregar ninguém e buscar a inserção integral dos alunos com deficiência aos demais alunos, a perspectiva inclusiva defende o MEIO MAIS FAVORÁVEL para os seus alunos.

Nesta perspectiva, Forest e Lusthans associam à educação inclusiva a metáfora do caleidoscópio, considerando que cada parte compõe um todo rico e variado, numa teia na qual um depende do outro.

Assim é a escola inclusiva, como um caleidoscópio, com pedacinhos diferentes que são os diversos alunos, professores, profissionais da escola, pais, idéias e particularidades que, juntos, formam um todo rico que deve ser o ponto de partida para o ensino, para as relações ligadas à educação e à vida.

Concordamos que a educação deve incorporar esta metáfora, no sentido de, como no caleidoscópio, cada parte deve contribuir para formar um todo e proporcionar a riqueza e a beleza das cores às escolas.

Desta forma, concordamos com Forest e Lusthans ao afirmar que a educação inclusiva possibilita e necessita de *“todas as pessoas num mesmo meio”*, o que possibilita pelo *“próprio fato, um meio que promove a mudança e a evolução em cada um de seus membros, a coletividade se torna mais rica e mais completa”*. (p.26)

Na maioria das escolas encontramos educadores que se dizem inclusivos, porém o são apenas teoricamente, pois na prática escolar acabam rejeitando alguns dos alunos. A rejeição que costumamos presenciar nas escolas tem base no medo dos professores, o que dificulta a sua ação frente ao diferente.

Entre os muitos autores que defendem a inclusão, Kunc (citado por Castro, 1997) considera que a inserção não é apenas uma questão escolar, sendo também política e moral. Afirma ainda que *“[...] temos o dever moral de promover a integração total nas escolas não somente para a criança excepcional, mas para os futuros pais de crianças excepcionais [...]”* (p. 23)

Desta forma, concordamos com Jupp (1998) no sentido que, para as escolas realmente receberem todos os alunos, é preciso que não os excluam em serviços

segregados que apenas impedirão que tenham a mesma oportunidade que nós temos de experimentar a “normalidade” em suas vidas.

Nesse sentido, Doré (citado por Castro, 1997) afirma que a educação de todos os alunos deve ocorrer nas classes regulares, lugar principal e exclusivo de escolarização. Com isso, a educação que se destina a inserir todos os alunos com deficiência na escola regular deve procurar ajudar não só aqueles que têm deficiências, mas apoiar todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Acreditamos que cada criança, na sua diversidade, é, uma para a outra, fonte de provocação e desequilíbrio, uma busca constante para o equilíbrio. É preciso dar aos alunos oportunidades para que eles sejam o que “realmente são”, e não que sejam tratados como problema pelas suas especificidades.

Para alcançar o objetivo de uma educação inclusiva, a escola precisa mudar tanto a estrutura física como os princípios teóricos e metodológicos, oferecendo diversos contextos educacionais, diversas práticas de ensino e atividades que respeitem as individualidades e as possibilidades dos alunos, tornando-a um lugar de aprendizagem, de partilha de conhecimentos, de afetos, de diversas relações, e, principalmente, fazendo dela um lugar onde todos – sem excluir ninguém - possam vir, sentir-se bem, aprender e viver juntos.

Jupp (1998) apresenta-nos a inclusão como sendo uma nova filosofia, com princípios que permitem que vivamos bem com o outro, numa relação que traga benefícios a todos. Assim, para este autor, a ideologia existente na inclusão “[...] engloba tudo que é necessário para transformar o caminho moral, financeiro e físico descendente numa trajetória ascendente.” (p. 25)

Para tal, partimos de princípios que podem parecer muito simples, porém quando realmente vivenciados, partilhados, fazem com que sejamos pessoas melhores, mais compreensivas na relação com o outro.

✱ Seguem princípios, através dos quais, Jupp (1998) nos apresenta como contribuir para a concretização da inclusão nas escolas, visando à formação integral de todos os seus alunos:

- ✓ **Aceitação:** precisamos aceitar uns aos outros como realmente somos;
- ✓ **Participação:** “ninguém deve ser excluído de sua comunidade” (p. 26) independente de crenças religiosas, aparência, sexo, habilidades físicas e intelectuais, entre outros;

- ✓ **Comunidade:** a forma através da qual seremos melhores, apoiando-nos uns aos outros;
- ✓ **Diversidade:** de idéias, culturas, habilidades e capacidades, que, quando compartilhadas, é essencial para a convivência e enriquece a vida para todos;
- ✓ **Fortalecimento:** ocorre a partir da partilha de conhecimentos, habilidades e recursos entre as pessoas;
- ✓ **Sentimentos:** *“os sentimentos são melhores quando expressos. Sem eles, somos nulos”* (p. 26);
- ✓ **Dons:** todos temos e devemos compartilhá-los;
- ✓ **Convites:** para que todos possam participar;
- ✓ **Justiça:** direito básico de todos;
- ✓ **Generosidade:** bondade para com os outros é muito melhor do que ser cruel com o outro;
- ✓ **Amor:** *“Sem amor apenas existimos”* (p. 27), é preciso, então, contato com os sentimentos;
- ✓ **Espelho:** para refletir sobre a nossa maneira de ser, como os outros nos vêem;
- ✓ **Necessidades:** reconhecer as nossas e as das demais pessoas;
- ✓ **Oportunidade:** criá-las para todos, para que possamos obter o melhor;
- ✓ **Pessoas:** devemos reconhecê-las e tratá-las como tal;
- ✓ **Questões:** questionamentos para pensarmos no que fazemos, por quê e para quê;
- ✓ **Respeito:** por nós, para conseguirmos respeitar o outro;
- ✓ **Apoio:** mesmo fortes, sempre haverá um momento no qual precisaremos nos apoiar em algo ou alguém;
- ✓ **Tolerância:** *“com o outro, a quem, num primeiro momento, nem sempre conseguimos compreender inteiramente”* (p. 28);
- ✓ **Compreensão:** *“sem a qual o preconceito, a discriminação e a hipocrisia triunfam”* (p.28);
- ✓ **Valores:** são próprios de nós e refletem o que somos e como queremos que as pessoas vivam;
- ✓ **Boas-vindas:** a todos com os quais compartilhamos a vida, para que se sintam seguros conosco;
- ✓ **Xênia:** significa hospitalidade, abrir as portas;

- ✓ **Você:** “*onde começa a mudança*” (p. 28);
- ✓ **Zelo:** fornece força e energia para continuarmos.

Com base nesses princípios, podemos afirmar que não há um modelo único para uma escola inclusiva, devendo haver a preocupação da escola com a cooperação, com a valorização das diferenças, com a convivência entre os diferentes, com o respeito mútuo.

Arroyo (1999) contribui para o debate da inclusão com a questão da importância das relações na escola e afirma que estas relações se iniciam na elaboração dos currículos que devem ser baseados na dinâmica social, considerando as necessidades da escola. Para tal, é preciso uma aproximação, uma articulação entre os saberes, a teoria e a prática, os professores e aquilo que se espera da educação.

Em busca de uma educação inclusiva, acreditamos, assim como Arroyo, que é preciso unir modelos e teorias às práticas sociais e educativas, envolvendo sujeitos de ação pedagógica para que seja possível inovar na educação.

Para a prática inclusiva é necessária uma ligação de todos os envolvidos com a educação. É preciso considerar a ação pedagógica como ação humana, e a inovação educativa envolve, segundo Arroyo, uma continuidade de práticas, valores, procedimentos, rituais, saberes e culturas e necessita de várias pessoas pensando, agindo e refletindo sobre a educação como humanização.

Afinal, como afirma Pessoti (1984), é preciso que tenhamos a compreensão de que há em cada ser diversas possibilidades de ação e pensamento, e que não há como a educação ser específica, como é o caso do ensino especial, pois cada ser é único e singular.

Devemos reconhecer que a educação é uma só, mas que todos os envolvidos no processo educacional são diferentes; então, subentende-se que as possibilidades educacionais e educativas devem também ser variadas, diversas.

Afirmamos ser necessário intensificar relações gratificantes de convivência com pessoas diferentes, relações estas que exigem novos padrões e ações, diferentes daquelas que comumente nos são apresentadas nas escolas com práticas tradicionais, para que todos os alunos sejam incluídos e se sintam bem neste ambiente.

Conclui-se então que a inclusão coloca em xeque as competências da escola tradicional em atender às diferenças individuais dos alunos. Concordamos com

Mantoan (2001), ao considerar que o desafio da inclusão consiste em oferecer um ensino de qualidade para todos os alunos, o que englobará também os deficientes.

Segundo esta autora, para que realmente ocorra a inclusão, as escolas precisam estar envolvidas em novos valores e atitudes pessoais e profissionais diferentes daqueles que dizem respeito a questões *“que estão arraigadas à nossa formação e a experiências pessoais em uma sociedade que não está habituada a reconhecer e valorizar as diferenças”*.(p. 55)

Para refletirmos a respeito de quem são verdadeiramente os “limitados”, os “excluídos”, trazemos um trecho de Henrich e Kriegel (citado por Goffmann, 1975) pelo qual entendemos que limitado, muitas vezes, é aquele a quem falta um atributo, mas a limitação também está nos ‘normais’, como diz uma pessoa com esclerose múltipla:

*Tanto as mentes como os corpos saudáveis podem estar aleijados. O fato de que pessoas ‘normais’ possam andar, ver e ouvir não significa que elas estejam realmente vendo ou ouvindo. Elas podem estar completamente cegas para as coisas que estragam sua felicidade, totalmente surdas aos apelos de bondade de outras pessoas; quando penso nelas não me sinto mais aleijado ou incapacitado do que elas. Talvez, num certo sentido, eu possa ser um meio de abrir os seus olhos para as belezas que estão à nossa volta: coisas como um aperto de mão afetuoso, uma voz que está ansiosa por conforto, uma brisa de primavera, certa música, uma saudação amistosa. Essas pessoas são importantes para mim e eu gosto de sentir que posso ajudá-las. (p. 21)*

Encontramos em nossa sociedade diversas escolas que ainda não se libertaram de práticas discriminatórias, segregadoras e limitadas, que são direcionadas não apenas às crianças com alguma deficiência mas também às demais crianças que se defrontam com algum tipo de dificuldade.

Ao constatarmos que as práticas das escolas tradicionais não trazem benefícios a todos os alunos, impossibilitando o desenvolvimento da autonomia, de possibilidades de raciocínio pelos alunos, além de criar formas segregadoras de atendimento para a maioria daqueles que não se “encaixam” às suas determinações, devemos buscar novas práticas para nossas escolas, que possibilitem qualidade de ensino a todos os alunos.



Fonte: *Novas crianças*. São Paulo, Abril Cultural, 1970, v. 5.

Para ilustrar um pouco os resultados obtidos pelos alunos que vivenciam as práticas da escola tradicional, trazemos a história acima (citada por Fontana & Cruz, 1997) de Mafalda e uma amiga que se encontram na rua, no seu dia-a-dia, nas suas relações extra-escolares, e o que elas têm para conversar? O que a escola tradicional ensina a elas tem alguma função, algum significado na sua vida? Esse diálogo carrega algo significativo?

Certamente que não. A conversa destas duas crianças retrata o que o ensino tradicional e o uso de cartilhas propõem; os conteúdos são desconectados do real, aprendem-se frases prontas, normas e regras gramaticais, ou seja, os alunos, mecanicamente, dizem coisas sem sentido que aprenderam a decorar nas escolas.

Nesse contexto educacional, geralmente não é possível intervenção, troca de idéias, participação dos alunos. Aprende-se aquilo que é considerado fundamental, o que na verdade nada contribui para o desenvolvimento social, cultural nem moral das crianças, além de excluir aqueles que não conseguem acompanhar as exigências acadêmicas.

As escolas com práticas tradicionais oferecem ensino, como já anteriormente citado, visando ao que se conhece como 'integração escolar'. Neste caso, os alunos precisam adequar-se ao sistema, e aqueles com características e possibilidades diferentes acabam sendo excluídos dele.

Concordamos com Amaral (citado por Moussatché, 1997) ao questionar o significado da integração e o que ela implica. Segundo o autor, integrar pode significar completar, integralizar, o que, muitas vezes, desconsidera e desvaloriza as diferenças, demonstrando as dificuldades que as escolas têm em lidar com a diversidade de seus alunos.

Contribuindo para o debate sobre as diferenças existentes entre todas as pessoas, Muchail (1995) afirma que as diferenças existentes na sociedade, inclusive na escola, são difíceis de serem aceitas e trabalhadas no dia-a-dia, o que é notado ao analisarmos as práticas da maioria das escolas.

Devemos aprender a conviver com o outro, que é diferente de nós, estabelecendo relações de alteridade, ou seja, colocando-se no lugar do outro, buscando estabelecer relacionamentos mais agradáveis e significativos.

A escola deve educar para a vida e deve considerar a sensibilidade e a emoção das pessoas envolvidas com o ensino da criança, além das emoções delas.

Desta forma, é possível uma escola para todos e, ao atender a todas as crianças, ela demonstra a possibilidade da fusão entre os dois sistemas – o regular e o especial, já referido anteriormente.

Ao reduzir ambientes segregativos, há maior possibilidade de inserção de todos os alunos na escola regular. Porém, como refere Mantoan (1997-a) é preciso o “[...] *aprimoramento da qualidade do ensino regular e a adição de princípios educacionais válidos para todos os alunos [...]*” (p. 7). Desta forma, serão incluídos também os deficientes, pois a educação será especial para todos. Segundo a mesma autora, será:

*[...] uma educação especializada no aluno e dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de novas maneiras de ensinar, adequadas à heterogeneidade dos aprendizes e compatível com os ideais democráticos de uma educação para todos. (p. 7)*

A perspectiva de uma educação inclusiva que atende a todas as crianças tem atraído muitas escolas e profissionais da educação.

Na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares é uma das escolas que vem intensificando sua prática baseada nos princípios da inclusão.

Sabemos que o caminho que possibilita uma escola de qualidade exige um posicionamento diferente do adotado pelas escolas tradicionais. É preciso uma proposta que considere as possibilidades dos alunos, a heterogeneidade das personalidades, a diversidade de posicionamentos, pensamentos e desejos dos alunos.

Conhecemos o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares e pudemos participar um pouco da sua história, de sua estrutura pedagógica e administrativa, vivenciamos relacionamentos entre professores, alunos, comunidade e escola.

Foi-nos possível verificar o desenvolvimento das atividades realizadas, as quais envolvem todas as crianças, professores, demais funcionários e pais. Notamos que o envolvimento de todos auxilia no desenvolvimento da escola, pois estão constantemente em busca de melhoria na qualidade do ensino para uma educação verdadeira e significativa.

Conhecemos e mostraremos diversos aspectos, atividades e projetos do Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, os quais observamos no decorrer de 2001 quando conhecemos uma escola que modificou sua estrutura, adotando uma proposta pedagógica com base construtivista.

Acreditamos que esta escola é um espaço de possibilidades, aberto a todos os que querem participar, que valoriza todos os alunos nas suas potencialidades e talentos, além das contribuições que um oferece para o outro.

Desta forma, no Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares a educação é vivenciada como um caminho pelo qual todos podem transitar, opinar, conhecer e participar, ou seja, valoriza a capacidade de cada aluno fazer o seu caminho, seguir o seu percurso e escrever a própria história.

Como nos traz Santos<sup>5</sup>, neste trecho, exemplificando:

*Não cobiço nem disputo os teus olhos  
 não estou sequer à espera que me deixes ver através dos teus olhos  
 nem sei tampouco se quero ver o que vêem e do modo com vêem os  
 teus olhos  
 Nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo  
 se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar  
 comigo  
 Não me digas como se encaminha e por onde é o caminho  
 deixa-me simplesmente acompanhar-te quando eu quiser  
 Se o caminho dos teus passos estiver iluminado  
 pela mais cintilante das estrelas que espreitam as noites e os dias  
 mesmo que tu me percas e eu te perca  
 algures na caminhada certamente nos reencontraremos  
 Não me expliques como deverei ser  
 quando um dia as circunstâncias quiserem que eu me encontre  
 no espaço e no tempo de condições que tu entendes e dominas*

---

<sup>5</sup> Santos, Ademar Ferreira dos. Escreveu o prefácio da obra “A escola que sempre sonhei sem imaginar que ela pudesse existir”, de Rubem Alves (2001)

*Semeia-te como és e oferece-te simplesmente a colheita de todas as horas*

*Não me prendas as mãos*

*não faças delas instrumento dócil de inspirações que ainda não vivi*

*Deixa-me arriscar o molde talvez incerto*

*Deixa-me arriscar o barro talvez impróprio*

*na oficina onde ganham forma e paixão todos os sonhos que antecipam o futuro*

*E não me obrigues a ler os livros que eu ainda não adivinhei*

*nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar*

*Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da descoberta*

*e com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus gestos*

*ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida.*

(p. 7 - 8)

A partir de agora, passaremos a conhecer o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, Bragança Paulista – SP, o qual desenvolve seu projeto pedagógico buscando concretizar o ideal de uma escola democrática, justa e igualitária a todos.

### **O Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares**



### **Um pouco da sua história ...**

Uma das escolas que, há alguns anos, desde 1997, vem desenvolvendo o seu trabalho na perspectiva inclusiva é o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, uma escola particular mantida por uma instituição filantrópica, o ISE – Instituto Social e Educacional.

O ISE foi fundado em 19 de março de 1960 por um grupo de religiosas que dirigiu a entidade por cerca de 10 anos.

Em 1939, Amélia Eugenia Gonzaga Leme doou a sede do ISE à Diocese de Bragança Paulista, incentivando o atendimento educacional das crianças da região e, nos anos 60, as Missionárias Religiosas continuaram realizando esse trabalho.

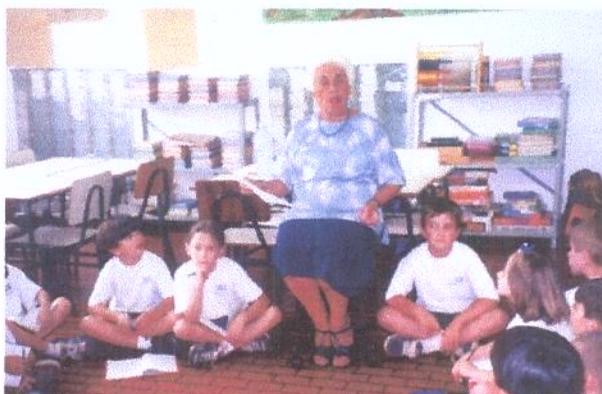
Em 15 de setembro de 1973, Dom José Lafayette F. Álvares, bispo da cidade de Bragança Paulista, transferiu o domínio do prédio ao ISE, consolidando o Instituto. Não foram deixados de lado, porém, os objetivos idealizados pela Sra. Amélia Eugenia de atender as crianças, favorecendo os aspectos pedagógico, psicológico e social, sem distinção de raça, credo religioso ou político. Naquela época, o bispo tornou-se o presidente de honra do ISE.

A Diocese passou à diretoria do ISE a responsabilidade de prover as necessidades materiais e financeiras para manter-se e deixou, assim, a incumbência de encaminhar recursos financeiros para a Instituição.

Em 1975, Dom Lafayette transferiu-se para o prédio do ISE, onde residiu por muitos anos, até o seu falecimento em 1997, trabalhando ao lado da diretoria e da presidente do ISE, Sra. Luiza Nogueira, o que trouxe benefícios às crianças e à Entidade.

A Escola Dom José Lafayette Ferreira Álvares sempre foi muito procurada pela comunidade, tanto que o número de alunos foi aumentando a cada ano, consequência do reconhecimento de todos pelo trabalho que ela desenvolve.

Em 1990, a Secretaria Municipal de Educação assumiu a Escola, que na época chamava-se Educandário Nossa Senhora da Glória e oferecia apenas Educação Infantil, cedendo professores. Isso durou quatro anos, pois em 1994 ocorreu o rompimento do ISE com a rede pública de ensino, pois havia um choque de idéias entre a Secretaria Municipal de Educação e a diretoria mantenedora representante do ISE, da qual é presidente Luiza Nogueira.



Entrevista dos alunos com a Presidente Luiza Nogueira

Os professores da Prefeitura não mantinham um trabalho contínuo, impossibilitando um vínculo com os alunos, faltando muito sem avisar quando não viriam. Não havia na escola uma coordenação que orientasse os professores sobre as mudanças de paradigmas de um trabalho baseado na perspectiva construtivista.

Os professores participavam de diversos cursos sobre construtivismo, que eram realizados na Rede, por docentes da UNICAMP, porém existiam problemas relacionados à compreensão deste novo paradigma, o tempo não era suficiente para que compreendessem e praticassem o construtivismo.

Com o rompimento da direção da escola com a Secretaria Municipal de Educação, os professores que haviam sido cedidos à escola voltaram para a rede municipal, ficando os alunos sem aula. Como a escola dependia de verbas para pagar seus professores, a situação se complicou, uma vez que ela não tinha como contratar novos professores, então, para solucionar esse problema, a Escola fez uma proposta aos pais.

Embora o nível sócio-econômico das famílias dos alunos fosse baixo, as famílias passaram a contribuir com a quantia que lhes fosse possível, variando entre 20,00 e 25,00 reais. Desde então, ao final de cada ano os pais se reúnem para decidirem quanto pagarão no ano seguinte.

Assim, a partir de 1995 a escola já havia contratado professores novos e, visando desenvolver uma proposta construtivista, contratou uma supervisão psicopedagógica externa para os professores da Educação Infantil que supervisionava os professores em encontros semanais, com duração de duas horas cada, e através de cursos acerca das idéias do construtivismo.

No final de 1996, a escola tinha muitas turmas de Educação Infantil e houve insistência dos pais para que se implantasse o Ensino Fundamental, dando continuidade ao ensino de qualidade que já acontecia.

Em decorrência da demanda e da insistência da comunidade escolar, a diretoria do ISE iniciou em 1997 a implantação do Ensino Fundamental e, para essa nova etapa, foi elaborado um Projeto Pedagógico da Escola, com contratação de uma supervisão psicopedagógica interna.

A qualidade de ensino oferecida pela escola e a vantagem financeira proporcionada aos pais fez com que aumentasse consideravelmente o número de alunos, reunindo famílias com níveis sócio-econômicos diversos.

Finalmente, em 1998, o ISE inaugurou o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares - nome dado em homenagem ao Bispo, por ter contribuído para o ISE e a comunidade escolar da Instituição – implantando, progressivamente, os demais anos do Ensino Fundamental; agora, em 2002, será implantado o 5º ano.

### **Os princípios norteadores**

A cada ano, o Colégio vem intensificando a sua proposta de educação inclusiva, oferecendo, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, ensino de qualidade a todos os alunos, inclusive àqueles que possuem algum tipo de deficiência, pois acredita que é preciso dar oportunidades de aprender a todos, e, para tal, organiza-se de maneira diferente de muitas outras escolas.

O Colégio apóia e possibilita a convivência de crianças com deficiência com as demais da mesma idade, para que elas possam se desenvolver como membros plenos na sociedade, independentemente de suas diferenças. As relações interpessoais estabelecidas entre as crianças possibilitam os conflitos cognitivos que favorecem o desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças.

Apoiados em estudos de Mantoan, os professores do Colégio compreendem o ser humano como único e diferente e, assim, não classificam um grupo de crianças como sendo especial.

O ato educativo é concebido pelos professores como processo de construção ativa do sujeito nas inter-relações com o meio físico, afetivo e social.

Essa concepção de conhecimento fundamenta-se em Piaget, enquanto este considera que o conhecimento não está *“nem no sujeito nem no objeto, não está pré-determinado e nem é simples internalização, mas é resultante da ação dos sujeitos sobre os objetos de conhecimento”* (Araújo, 2000)

Neste sentido, concordamos com Borges (1998) no que se refere a *“[...] aprender significa compreender, o que não consiste em incorporar dados já feitos mas reinventá-los através da própria ação [...]”* (p. 43)

Assim, no processo de solicitação do meio escolar, o aluno com deficiência, apesar de suas limitações – da mesma forma como o não deficiente – torna-se capaz de, enquanto sujeito, construir-se afetiva, cognitiva e socialmente.

As solicitações feitas pelos alunos são mediadas pelo professor, que acreditamos ter um papel fundamental e deve *“[...] especializar-se no aluno enquanto ser histórico, social e cultural [...] e ter postura que expresse [...] uma mentalidade aberta, espírito investigativo e desprendimento intelectual [...] de modo a estabelecer uma relação com os alunos baseada na qualidade do ensino-aprendizagem e não no autoritarismo [...]”* (Castro, 1997, p. 66)

Então afirmamos que, para o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, ensinar é, como afirma Borges (1998), *“[...] promover a discussão, é oferecer oportunidades de coordenar diferentes pontos de vista, é orientar para a resolução cooperativa, é incentivar a formulação de conceitos necessários para o progresso no domínio do objeto do conhecimento, é fazer com que as crianças coloquem novos problemas que não teriam levantando fora da escola [...]”* (p. 45)

Desta forma, para os professores do Colégio, os alunos com deficiência têm as mesmas necessidades educacionais que os demais e devem ser respeitados, livres e independentes; o professor tem o papel de oferecer condições e oportunidades para que as crianças sintam-se bem, acolhidas pela escola.

A equipe pedagógica do Colégio acredita que fazer educação inclusiva é aceitar todas as crianças, em primeiro lugar, como pessoas, com condições de aprender conforme suas possibilidades e, por isso, oferece aos alunos a oportunidade de conviver com a diferença e aprender a tirar dessa situação escolar uma lição de vida.

O Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, em concordância com Forest & Pearpoint (1997), celebra a diversidade, desenvolvendo em suas salas de aula o senso de comunidade, pois acredita que todos são iguais nas suas diferenças; todas as

crianças com deficiências sensoriais, intelectuais, físicas, múltiplas, pobres, multirepetentes, excluídas, portadoras de síndromes genéticas, com transtornos mentais, dificuldades de aprendizagem, entre outras, são bem-vindas na escola.

Ao desenvolver o senso de comunidade, realiza o trabalho coletivo que traz muitas vantagens a professores e alunos. Entre os alunos há a possibilidade de troca de conhecimentos e experiências, diferentes saberes se intercalam adquirindo sentido.

Segundo a variante nº 21 de Freinet (citado por Sampaio, 1994): *“A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe numa comunidade cooperativa”* (p. 94), o que exige um trabalho constituído livremente, na busca de um objetivo, realizando algo concreto, ou seja, uma produção real.

A troca entre os alunos, proporciona um trabalho mais real e a produção de conhecimentos passa a ser coletiva; alunos juntam-se, trocam idéias, discutem e, desta relação, desta troca e produção há a influência do tutoramento por parte dos professores e entre os alunos, auxiliando, esclarecendo dúvidas, contribuindo para uma educação significativa.

Para a prática democrática, os professores precisam estar atentos à cognição, à afetividade, ao corpo e às relações sociais para que não estabeleçam práticas que considerem os alunos compartimentos a serem preenchidos, dedicando-lhes partes de conhecimentos. Para o ideal que a Escola se propõe, essas dimensões são trabalhadas com todos os alunos, com alguma deficiência ou não.

As relações interpessoais dentro do Colégio estão baseadas no respeito mútuo<sup>6</sup>. Direção, professores, funcionários, alunos pautam-se pelo diálogo, troca de idéias, buscando, através da cooperação, o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual das pessoas envolvidas.

Reafirmamos, como nos traz Barreira (1998), que, através da reciprocidade, a cooperação possibilita o surgimento da lógica das relações, que é essencial para o desenvolvimento intelectual, ou seja, quando as pessoas colocam em reciprocidade os pontos de vista, confrontando-os, está considerando o outro.

---

<sup>6</sup> Segundo Barreira (1998) para o *“qual tende o individuo quando entra na relação com seus iguais ou quando os superiores se tornam seus iguais”* (p. 16)

Sobre isso, Piaget (citado por Barreira, 1998) diz “*que a cooperação e a reciprocidade podem ser compreendidas como dois aspectos do mesmo processo, sendo a cooperação o fator empírico e a reciprocidade o ideal lógico.*” (p. 17)

Nesse ambiente as crianças realizam diversas trocas sociais em que a cooperação proporciona a socialização das mentes e abre caminhos para o desenvolvimento da autonomia da consciência de cada uma. (Araújo, 2000).

Assim sendo, esta escola pode ser considerada um lugar privilegiado, onde a convivência entre pares da mesma faixa etária, estabelece relações de respeito sem autoritarismos. Existe a autoridade do professor, o que não impossibilita que as crianças sejam agentes participativos na organização das atividades, nas regras e decisões, além de participar de trabalhos em grupo. A opressão do adulto é reduzida nas salas de aula, para que cresçam as relações de cooperação, de respeito e para que as atividades favoreçam a reciprocidade, entre as crianças que escolhem, decidem e se expressam.

Com base nestes princípios, o colégio não utiliza livros didáticos e os alunos fazem muitas pesquisas sobre o que está sendo estudado. Os pais são esclarecidos, em reuniões, da importância das pesquisas no processo de aprendizagem dos seus filhos, e os auxiliam em casa, adquirindo livros diversos, revistas, jornais, ou outros materiais para que os seus filhos possam pesquisar. Quando a pesquisa não pode ser feita em casa, os alunos utilizam o laboratório de informática ou a biblioteca do colégio, onde há uma bibliotecária que auxilia na busca de informações.



Alunos pesquisando na biblioteca

## Sua equipe pedagógica, seus alunos e seus pais

Atualmente, o Colégio oferece a Educação Infantil em período integral e parcial (manhã ou tarde), e o Ensino Fundamental, em período parcial (manhã ou tarde). O corpo discente é composto por crianças de 3 a 10 anos, sendo a maioria proveniente de classe sócio-econômica média-baixa e média, com algumas exceções. São 450 alunos, sendo 230 da Educação Infantil e 220 do Ensino Fundamental.

Destes alunos, 5% apresentam deficiências, havendo um número maior no Ensino Fundamental. É um grupo de crianças com comprometimentos orgânicos que interferem em seu desenvolvimento global. Essas crianças integram-se às demais em suas salas de aula e nas atividades gerais da escola, onde encontram oportunidades de acordo com as suas possibilidades, participando integralmente da vida escolar.

Os alunos são sujeitos ativos na construção do conhecimento e, para tal, o Colégio busca desenvolver a autonomia intelectual e moral<sup>7</sup> e percebemos que há satisfação, pois são alunos questionadores, afetuosos, curiosos, criativos, participam com interesse das aulas e constroem o conhecimento, fazendo sugestões e críticas aos assuntos tratados. E a direção busca atender, sempre que possível, às críticas e às sugestões, para satisfazer a todos.

Parte da intervenção pedagógica diz respeito aos direitos e deveres dos alunos. A relação entre professores e alunos é baseada no respeito mútuo, sendo a cooperação e a solidariedade atitudes valorizadas pelos professores e incentivadas nos alunos. A criança tem liberdade de expressar seus pensamentos e sentimentos, que são bem acolhidos pelos demais.

Os alunos trocam idéias, trabalham em grupo, valorizam as diferenças existentes entre eles, respeitando a possibilidade de cada um e ajudando-se mutuamente.

Com isso, percebemos a importância dos relacionamentos dentro da escola e, reafirmamos, segundo Piaget, “[...] que a cooperação é tão importante para o progresso do conhecimento como a ação dos adultos e que as situações de discussão entre pares, são insubstituíveis como meio de incentivar a formação do espírito crítico e de um pensamento cada vez mais objetivo. [...]” (Borges, 1998, p. 44)

---

<sup>7</sup> Segundo Araújo (2000) “autonomia moral pressupõe essa capacidade racional do sujeito compreender as contradições do seu pensamento, em poder comparar idéias e valores às de outras

O corpo docente é formado pela equipe pedagógica, composta por 23 professores, incluindo os de educação física, formação humana, música, informática e inglês, uma supervisora psicopedagógica, três coordenadoras de área, uma diretora, cinco estagiárias (estudantes de magistério, professoras formadas que lecionam ou não em outras escolas) e uma bibliotecária.

Os pais participam ativamente das atividades do Colégio, das reuniões marcadas pela direção, contribuindo com sugestões e atuando quando necessário para o crescimento da escola.

O Colégio busca aproximar os pais, pois considera que a escola é de todos, e uma dessas formas é dando-lhes liberdade para visitar as salas de aula, conversar com os professores, participar das festas, passeios, além de torneios organizados por pais, alunos e professores, tais como jogos de xadrez, dama e fubeca.

Os pais dos alunos são profissionais liberais, autônomos, industriários, empresários, comerciários, funcionários públicos, estaduais e municipais, todos muito preocupados com o desenvolvimento adequado de seus filhos, com expectativas de que o Colégio continue crescendo, oferecendo ensino de qualidade, sem exclusão; fazem planos para que os filhos continuem no Colégio por muitos anos, o que justifica a implantação, no próximo ano, do 5º ano do Ensino Fundamental.

Os projetos que são elaborados e desenvolvidos pela escola visam que os pais compreendam a Proposta Pedagógica, e, segundo a supervisora psicopedagógica, o colégio já percebeu a evolução dos pais neste sentido.

Pelo que observamos, os professores estão conscientizados da qualidade de ensino que pretendem oferecer e sabem que essa qualidade passa pela capacitação profissional de toda a equipe pedagógica. Desta forma, empenham-se em participar dos cursos internos que a escola oferece, de cursos externos, congressos, seminários, palestras, que ampliem a sua capacitação técnica e didática.

Os professores, ao serem contratados pelo Colégio, tomam conhecimento do regimento escolar, da Proposta Pedagógica, e inteiram-se de seus direitos e deveres; geralmente, são ex-estagiários da escola, que ainda terão de estagiar por, pelo menos, um ano, participando das reuniões de estudos e dos cursos, além de terem nível superior de estudos concluído ou em conclusão.

---

*“pessoas, estabelecendo critérios de justiça e igualdade que muitas vezes o levarão a se contrapor à autoridade e às tradições da sociedade para decidir entre o certo e o errado”*

O relacionamento entre professores e a supervisão psicopedagógica implica troca de idéias, diálogo, cooperação, solidariedade e criatividade, que são atitudes bem-vindas na escola, pois os professores criam seus projetos, organizam-se formando grupos de estudos, além de apresentarem soluções e sugestões para os problemas que a escola enfrenta.

Os funcionários são pessoas capacitadas para a função que desempenham, interessadas, dedicadas e carinhosas com os alunos.

Enfim, a relação entre direção, supervisão e equipe docente está voltada para um mesmo objetivo que é o de oferecer um ensino de qualidade a todas as crianças.

### **Como se organiza pedagógica ...**

O Colégio baseia sua proposta pedagógica no construtivismo de Jean Piaget. Acredita na interação entre os educadores e alunos, “normais” e com deficiência, e nas trocas intelectuais, sociais e afetivas que esta relação proporciona, auxiliando para avanços no desenvolvimento mental e social de todos, conforme as possibilidades de cada um.

Com base nos princípios pedagógicos de uma educação construtiva, a escola reconhece, concordando com Mantoan (1997), que “[...] a cooperação, a autonomia intelectual e social, a aprendizagem ativa e a construção do conhecimento propiciam a aprendizagem escolar e o desenvolvimento global de todos os alunos, assim como o aprimoramento profissional dos educadores. [...]” (p. 123)

Para tal, como nos disse a supervisora da escola, a organização curricular contempla uma aprendizagem significativa, oferecendo igualdade de oportunidades para que todos os alunos aprendam o saber conceitual, o saber prático, o saber conviver e o saber ser.

Através das visitas semanais realizadas, percebemos que o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares possui uma proposta pedagógica com diversas atividades, uma variedade de projetos envolvendo pais, alunos e professores, além de uma forma diferente de avaliação, visando atender a todas as crianças, ministrando um ensino de qualidade.

Observamos os alunos desenvolvendo projetos pedagógicos, que surgem das diversas relações existentes em sala de aula, da curiosidade ou da necessidade de

conhecer mais sobre um tema, realizados em co-autoria entre as crianças, entre professores e suas turmas. Os temas desses projetos surgem do interesse e da curiosidade dos alunos, sendo decididos em Assembléias (Freinet); sua duração pode variar, sendo definida com as crianças: semanal, quinzenal, mensal, etc.

Durante o período em que desenvolvem os projetos, percebemos bastante empenho por parte de todos os alunos e de uns com os outros; após o término do estudo sobre um dado tema, apresentam o que aprenderam aos demais alunos da escola. Essa apresentação pode ser realizada coletivamente, através das grandes assembléias, ou em pequenos grupos (classe), através das pequenas assembléias.

As atividades são diversificadas e coletivas e em pequenos grupos, e contam com a participação de todas as crianças.



Crianças da Educação Infantil no momento da atividade coletiva

Atividade diversificada de Matemática com os alunos do Ensino Fundamental



A participação dos alunos na elaboração das atividades e dos projetos é essencial para uma educação inclusiva, pois permite que o trabalho seja democrático. Como afirma Fleuri (1986), contra o autoritarismo nas relações pedagógicas é “[...] importante também a participação efetiva dos alunos no momento decisivo da programação [...]” (p. 22)



O projeto "Aprendendo Geografia através do conto Os Três Porquinhos", realizado por uma classe,

foi apresentado para todos os alunos.



Além dos projetos desenvolvidos por turma, há projetos que são realizados por todos os alunos da escola. Surgem de um tema que, às vezes, é do interesse dos alunos e, outras vezes, é proposto pelos professores, pela necessidade que têm de trabalharem um determinado tema; mesmo assim, há a participação dos alunos na sua elaboração.

Nesse projeto geral, cada classe fica responsável por um subtema e os alunos realizam apresentações semanais e/ou no final do estudo, mostrando uns para os outros o que aprenderam, o material que foi colhido.

Tivemos a oportunidade de presenciar, durante o estudo do tema escolhido, apresentações nos corredores e na parte externa da escola, com murais, desenhos, recortes de jornais, curiosidades, fotos, textos que os alunos elaboraram. Desta forma, cada turma apresentou o que estava produzindo sobre o seu subtema, possibilitando aos alunos das outras turmas o contato com o que estava sendo estudado. Neste momento, os alunos contribuem para a pesquisa das outras classes, com material ou alguma outra fonte que sirva para o desenvolvimento do subtema do projeto.

Observamos que nessa atitude existe troca de informações e de materiais entre os grupos de alunos, sobre os conhecimentos dos subtemas estudados.



Do projeto geral da escola sobre Cultura Indígena, uma classe utilizou-se do aprendizado sobre as plantas e fez chá para toda a escola.



Outra classe, após os estudos, fez a encenação de uma lenda.

A direção acredita que a escola é de todos: dos pais, dos alunos e da comunidade e, por isso, o colégio envolve igualmente os pais dos alunos, em projetos desenvolvidos nas classes ou na escola; além disso, há a possibilidade de os pais desenvolverem projetos próprios com os alunos.



“Retire, não atire!”, um projeto idealizado e realizado por uma mãe e desenvolvido pelos alunos.



Pai de aluno, veterinário, também participou quando o projeto de uma das classes foi Morcego

No que diz respeito à participação dos pais, à busca em trazê-los para participar da escola, Sampaio (1994) contribui para a nossa reflexão, ao dizer que a luta de Freinet foi “*abrir a escola às pessoas do povo, convidando-as a construir juntas, com tijolos, paixões, sentimentos e suor [...]*” (p. 66). Para tal é necessário possibilitar aos pais vivenciar a realidade da escola, realmente conhecê-la para que possam contribuir para a efetivação de uma escola de qualidade.

Neste sentido, a Escola também desenvolve projetos destinados aos pais, para que eles esclareçam suas dúvidas, saibam o que acontece com seus filhos, troquem informações, conheçam a proposta pedagógica da escola, afinal é bem diferente de muitas outras escolas que existem.

Os projetos destinados aos pais são:

- ✓ **Conhecendo a escola do meu filho** é um projeto realizado pelos professores que tem por objetivo esclarecer a proposta pedagógica da escola, discutindo com os pais as dúvidas que possuem em relação ao trabalho desenvolvido na escola.

Nesses encontros, a escola busca mostrar qual o tipo de trabalho que realiza e, para tal, faz os pais participarem de atividades semelhantes às que seus filhos fazem nas aulas. Através destas vivências, a teoria vai sendo introduzida, explicando as técnicas e os métodos utilizados para que compreendam melhor o que seus filhos vivenciam diariamente. Assim, os pais participam das atividades coletivas e diversificadas, fazem comunicações, auto-avaliações, escrevem e ilustram o livro da vida;

- ✓ **Projeto tira-dúvidas** traz profissionais das áreas de saúde e da educação para discutir com os pais temas que são abordados por eles próprios. É realizada uma pesquisa entre os pais para definir os assuntos que gostariam de discutir e esclarecer dúvidas, e fica sob a responsabilidade da escola escolher o profissional para tratar do assunto. Destes encontros, participam também os professores da escola;

- ✓ **Meu filho vai para o 1º ano. E agora?** O maior dilema enfrentado pelos pais ocorre quando os filhos ingressam no Ensino Fundamental. Em consequência, surgem questionamentos do tipo: Meu filho vai usar

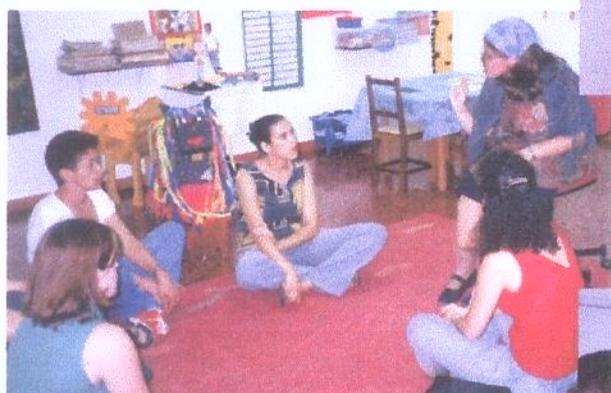
cartilha? Como ele vai aprender? Para esclarecer aos pais sobre essas e outras questões em relação ao funcionamento e às metodologias desenvolvidas no ensino fundamental, mais especificamente no 1º ano, a escola organiza esse projeto que é desenvolvido pelos professores. Nos encontros, são tratados temas como: rotina da classe, diário e agenda, lição de casa e pesquisa, avaliação, questão da letra cursiva X letra palito (imprensa), objetivos das aulas extras, proposta dos ciclos X séries, além dos objetivos de cada disciplina.

Com esse projeto as professoras mostram aos pais que a dinâmica a ser desenvolvida no 1º ano é igual à das turmas da Educação Infantil possuindo atividades coletivas e diversificadas, porém abordando os componentes curriculares, que seguem uma rotina de trabalho diário, através da elaboração de projetos.

- ✓ **Meu filho vai para o 5º ano. E agora?** Com início neste ano, visa desenvolver nos pais a compreensão de que o trabalho realizado com seus filhos será semelhante ao desenvolvido no 4º ano.

Através de encontros, o projeto busca mostrar aos pais que o trabalho da escola continuará sendo realizado através de projetos elaborados em co-autoria entre professores e alunos, através de atividades diversificadas e coletivas.

A organização do tempo no 5º ano será diferente, buscando romper as fronteiras das disciplinas. Na sala de aula haverá vários professores trabalhando conhecimentos baseados no meio social e nos interesses das crianças. Com essa organização, a avaliação será realizada de forma investigativa, processual e dinâmica, através de relatórios sobre o desenvolvimento das crianças e de portfólio.



A participação dos pais é notável em todos os projetos da escola...



Veza ou outra encontrávamos alunos da FESB dentro do Colégio, fazendo estágio, dando aulas de Educação Física, e, outras vezes, encontramos professores da mesma Instituição promovendo palestras sobre diversos assuntos para a escola e para a comunidade.

Com isso, percebemos que há um elo entre o colégio e a FESB (Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista) que oferece diversos cursos de

graduação. Neste sentido, professores e alunos da FESB dão aulas, fazem palestras, auxiliando assim, tanto na formação dos professores quanto dos alunos do Colégio.

A escola demonstra uma preocupação com a comunidade, proporcionando benefícios a todas as pessoas, seus alunos – em primeiro lugar –, a seus familiares, seus professores, e também aos alunos da FESB, que, por sua vez têm o contato com uma escola que atua de forma diferente das demais. O benefício se estende também aos pais, pois além de palestras que lhes são proferidas, muitas vezes aos professores também, esclarecem-se possíveis dúvidas e ampliam-se os horizontes educacionais dos familiares dos alunos.

A avaliação dos projetos dos alunos ocorre diariamente, por meio de auto-avaliações orais ou escritas, do que aprenderam naquele dia. Diferentemente de escolas com práticas tradicionais e segregativas, o colégio assimila a avaliação como uma ação mediadora, que não tem caráter de terminalidade, nem é classificatória, ou com a finalidade de constatar erros e acertos, mas considera todo o desenvolvimento da criança, nos diversos momentos: quando ela brinca, fala, faz tarefas, entre outros (Hoffmann, 1991).

A avaliação decorre de um processo no qual as crianças são incentivadas a fazer o melhor que podem, tendo em vista seu desenvolvimento e suas condições.

São momentos em que a criança vivencia conhecimentos que estão em processo de superação, e, nesse vivenciar, vai aprimorando sua forma de pensar o mundo, enquanto se depara com novas situações, com novos desafios, formulando e reformulando suas hipóteses.

Em concordância com o que foi dito acima, percebemos que a avaliação na Educação Infantil é feita através da observação do desenvolvimento cognitivo, sócio-afetivo e perceptivo-motor, e da aprendizagem, através das produções das crianças e da participação delas nas atividades. O registro destas avaliações é feito em fichas de acompanhamento e em um relatório que é entregue aos pais ou responsável.

Já no Ensino Fundamental, a avaliação é permanente, considerando os avanços, as dificuldades e as possibilidades de cada aluno. Os instrumentos para tal são a participação dos alunos, dos pais e de demais professores, que fazem da reflexão e da observação formas de compreender a aprendizagem dos alunos.

Os alunos são avaliados em diversas situações escolares que vivenciam, em relatórios realizados por eles próprios e pelos professores, por provas, auto-avaliação, trabalhos em grupo e debate.

O Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares acredita numa nova forma de avaliação, significativa e inovadora, que considere o ensino de qualidade a que se propõe, pois é a partir da avaliação que é possível interpretar a realidade, redefinir processos e metas a serem utilizados pela escola.

Para tal, compreendemos a avaliação em três níveis que condizem com a forma como a Escola Plural<sup>8</sup> avalia o trabalho pedagógico (SILVA, Ceris S. R. et. al. 1996). Trazemos, a seguir, as três formas:

- **Avaliação contínua:** ocorre permanentemente no processo de aprendizagem dos alunos. Através dela podemos considerar seus avanços, suas dificuldades e possibilidades;
- **Avaliação dinâmica:** utiliza diferentes instrumentos e na reflexão de seus resultados inclui a participação dos alunos, de pais e de outros profissionais;
- **Avaliação investigativa:** visa levantar e mapear dados para a compreensão do processo de aprendizagem do aluno e oferecer subsídios para os profissionais refletirem sobre a prática pedagógica que realizam.

Em concordância com a Escola Plural, acreditamos que, para a efetivação desta avaliação, são necessários alguns procedimentos, tais como:

1. **OBSERVAÇÃO:** no dia-a-dia orienta alunos e professores, faz com que professores conheçam melhor seus alunos, analisem melhor os desempenhos deles nas diversas atividades, compreendam os avanços e possibilidades;
2. **REGISTRO:** possibilita aos professores fazerem uma análise crítica e reflexiva do processo, que é feito em forma de relatório ou em esquema e síntese, para que não se percam informações consideráveis;
3. **PROVAS:** têm por objetivo refletir com pais e alunos os resultados obtidos para se ter uma base para possíveis alterações. Todas as produções dos alunos devem ser significativas para os professores, e as respostas dos alunos são a

---

<sup>8</sup> Uma escola em Belo Horizonte MG que, assim como o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, desenvolve seu projeto pedagógico buscando uma escola para todos, baseando-se nos princípios da inclusão.

forma de representação num dado momento. Os acertos correspondem ao grau de aquisição feita pelos alunos, enquanto que os erros são as hipóteses que estão construindo, indicando as intervenções que devem ser feitas. *“Cabe ao professor e ao aluno compreenderem o processo de elaboração dessas respostas para reorientarem suas ações... Nem sempre os acertos significam o conhecimento já construído e os erros, dificuldades na aquisição do conhecimento”*. (p. 11)

A análise dos resultados pode ser feita em momentos coletivos com os alunos, para que haja discussão e problematização das respostas.

4. DEBATE: exige organização das próprias idéias, compreensão das idéias dos outros, a ação de relacioná-las, relativizar opiniões e ampliar conhecimentos. Nas escolas, os debates tornam-se momentos importantes para que professores e alunos incorporem novos conhecimentos, participem, exemplifiquem, relacionem com outros conhecimentos, além de ser uma forma de avaliação, pois expõe e debate temas diversos;
5. AUTO-AVALIAÇÃO: para que o processo de aprendizagem ocorra, é preciso que os alunos reflitam sobre as ações que realizaram, construindo uma consciência crítica frente a tarefas propostas.

A auto-avaliação é um momento de reflexão que mostra o caminho percorrido pelos alunos para chegar às respostas, às evidências do que conseguiram aprender e das dificuldades, reconhecendo que precisam ser conquistadas.

Isso posto, afirmamos que a perspectiva inclusiva exige essa nova forma de avaliar, de ensinar, de desenvolver práticas de trabalho, muito diferente do que acontece com a prática das escolas tradicionais que, desde a elaboração dos conteúdos, das atividades, até a avaliação, determina um saber que lhe é único, uma desconexão entre o cotidiano escolar e o cotidiano do aluno.

O trabalho em classe caracteriza-se pelo tutoramento e ajuda e respeito mútuos e valorização das diferenças e atividades coletivas e diversificadas.

Durante as atividades realizadas em classe, a professora observa o trabalho dos grupos, intervindo para explorar o que estão fazendo, para desafiar o pensamento das crianças, fazendo com que elas falem durante a realização das atividades sobre o que estão desenvolvendo.

As atividades realizadas dentro da sala de aula são desenvolvidas através de cantos, pois estes oferecem diversos espaços, que, abrigam diferentes recursos e possibilitam a exploração de diferentes conteúdos, além do desenvolvimento de habilidades cognitivas e sócio-afetivas.

Como afirma Sampaio (1994), os cantos proporcionam às crianças um ambiente “[...] sem a interferência direta dos adultos [...]” fazendo com que a “[...] sociabilização das crianças ganhe um ritmo próprio. Essa prática na sala permite uma vida cooperativa. [...]” (p. 187)

A rotina dos trabalhos é diferente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, havendo planejamento diário pela turma junto com os professores. Desta forma, a seqüência e os conteúdos podem variar, pode haver modificação nas atividades ou na ordem do dia.

A Organização Pedagógica da EDUCAÇÃO INFANTIL consiste basicamente em:

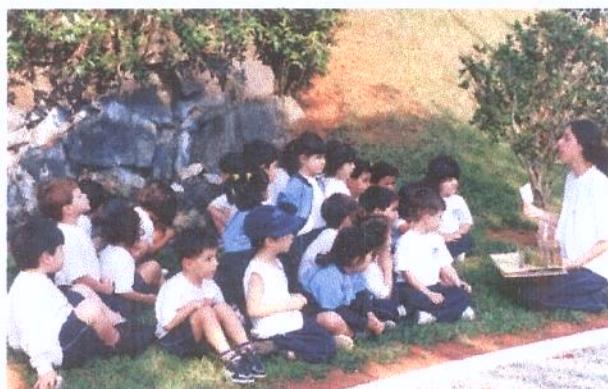
- ✓ **Hora da novidade:** momento em que todas as crianças conversam, estudam sobre uma novidade que é trazida pelos alunos ou pela professora. Essa novidade pode ser um bichinho, uma planta, um instrumento musical, entre outros objetos, ou seja, faz-se uma pesquisa sobre algo novo para partilhar na sala de aula com os demais alunos;
- ✓ **Atividade coletiva:** geralmente após a hora da novidade, as crianças realizam a atividade coletiva da qual todos os alunos participam. Para este momento, a professora planeja – antes da aula – duas possibilidades para que a classe escolha uma das duas alternativas para ser realizada. Essas atividades podem consistir em recorte de figuras para montar um painel coletivo, a realização de algum jogo competitivo, a composição da letra de uma música – como ocorreu quando as crianças fizeram o Samba-Enredo de Carnaval da escola -, escrever poemas e poesias, entre outras atividades;
- ✓ **Atividade diversificada:** é o momento em que os alunos, em pequenos grupos, fazem trabalhos diversos nos cantos disponíveis na classe. Cada aluno escolhe o canto onde deseja trabalhar, havendo apenas a exigência de que, durante a semana, as crianças escolham diferentes cantos. Cada canto

traz possibilidades como, por exemplo, fazer quebra-cabeça, brincar de casinha, ler livro de histórias, escrever cartas, livros, construir blocos de madeira, modelar massinhas ou argila, criar com lã e tecido, entre outras;

- ✓ **Roda da história:** é realizada diariamente com as crianças, podendo ser dentro da sala de aula ou em outro lugar da escola, mediante a escolha das crianças.

Para esta roda são utilizadas diferentes técnicas como fantoches, teatros de sombras para contar a história, ou mesmo ser contada pelo professor ou por um aluno, utilizando ou não o livro ilustrativo. A roda da história é muito importante na Escola, pois forma o gosto pela leitura, desenvolve a imaginação infantil, enriquece o vocabulário da criança, educa e estimula o desenvolvimento da atenção, da imaginação, da observação, da memória, da reflexão e da linguagem.

A história auxilia no desenvolvimento psicológico e moral da criança, equilibrando-a afetiva e socialmente;



A escolha dos alunos foi realizar a roda da história em frente da gruta existente na escola

- ✓ **Reconstituição do dia escolar:** é o momento em que as crianças e o professor conversam sobre tudo o que foi trabalhado no dia; neste momento, as crianças falam sobre o que aprenderam, expondo suas sensações e pensamentos. Nessa reconstituição, as crianças relatam as vivências significativas que serão escritas e ilustradas no livro da vida;

- ✓ **Livro da vida:** um livro elaborado pela classe e pelo professor ao final de todos os dias de aula. Os alunos escrevem e ilustram, registrando as vivências que foram significativas naquele dia para a turma-classe.

A Organização Pedagógica do ENSINO FUNDAMENTAL possui a mesma metodologia da Educação Infantil com algumas alterações, devido ao seu caráter educacional. Consiste em:

- ✓ **Conversação:** consiste num primeiro momento da aula, no qual as crianças e o professor conversam sobre temas atuais que estão acontecendo ou sendo discutidos na sociedade, desenvolvendo nas crianças, durante esta conversação, uma posição crítica diante dos assuntos discutidos;
- ✓ **Atividade coletiva:** é o momento em que todas as crianças trabalham juntas o conteúdo de um dos componentes curriculares propostos pelo professor. O conteúdo a ser desenvolvido na atividade coletiva relaciona-se a Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História/Geografia ou Artes;
- ✓ **Planificação:** é o momento em que cada aluno escolhe quais os cantos onde irá trabalhar durante a atividade diversificada, considerando os componentes curriculares;
- ✓ **Execução:** após escolhidos os componentes a serem trabalhados, as crianças se juntam em pequenos grupos. Nessas atividades diversificadas, os alunos devem participar, durante a semana, de todos os cantos que compõem a classe.

Cada canto da classe diz respeito a um componente do Ensino Fundamental, e é planejado pelo professor e alunos na elaboração do projeto, ou seja, um canto traz a Matemática, outro Língua Portuguesa, outro Artes, outro Ciências e outro História/Geografia. Toda segunda-feira, a professora expõe aos alunos os objetivos e conteúdos de cada um dos cantos, para que eles façam as suas escolhas e planejem o seu dia;

- ✓ **Comunicação:** após realizadas as atividades nos cantos específicos, cada grupo apresenta aos demais alunos e ao professor o que aprendeu. Durante a comunicação, o professor faz questionamentos, interferindo quando necessário para assegurar a aprendizagem, e os demais alunos também fazem perguntas, quando sentem necessidade, ao grupo que está comunicando;
- ✓ **Avaliação:** é realizada pelas crianças através da auto-avaliação e da avaliação do grupo. A aprendizagem também é avaliada pelo professor que, conforme o aproveitamento dos assuntos pelos alunos, propõe que sejam retomados ou aprofundados em dias seguintes por outros grupos;
- ✓ **Livro da vida:** como ocorre na Educação Infantil, as crianças do Ensino Fundamental também elaboram o livro, ao final de cada dia de aula, escrevendo e ilustrando coletivamente as vivências significativas do dia.



Os alunos do 1º ano, produzindo conjuntamente o livro da vida

Além das atividades que fazem parte da rotina dos alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, o colégio oferece:

- ✓ **Grupo de enriquecimento:** são projetos criados pelos professores da escola e oferecidos para alunos formados em grupos de 25, de todas as séries escolares. Cada projeto tem a duração de 10 horas, distribuídas em 2 horas diárias por semana. Este projeto acontece a cada dois meses no Colégio. Tivemos a oportunidade de presenciar um dia deste trabalho. O tema era “Mostre que você tem coração – Campanha da Solidariedade”.

Todos os alunos estavam numa sala ampla, juntamente com uma professora responsável, separados conforme as atividades que realizavam:

- ❖ Pesquisa com preços de alimentos;
- ❖ Cartazes para conscientização sobre a importância do economizar;
- ❖ Poesias;
- ❖ Arrecadação de alimentos;
- ❖ Mapa da cidade, localizando áreas mais carentes para que os alimentos arrecadados fossem doados.

Todo esse trabalho foi desenvolvido pelos alunos, e cada qual, conforme seu interesse, realizou uma das atividades citadas acima, num trabalho cooperativo, de co-autoria e buscando ajudar o próximo.

A co-autoria deste trabalho não se limitou aos alunos, expandindo-se à comunidade bragantina uma vez que os cartazes elaborados pelos alunos foram distribuídos no comércio, ampliando a arrecadação das doações, incluindo alimentos e brinquedos.

- ✓ **Enquanto seu lobo não vem... Contos de Fada na escola:** os alunos trabalham com contos de fada durante o ano letivo, duas vezes na semana, e ao final do trabalho realizam apresentações teatrais dos contos ouvidos.

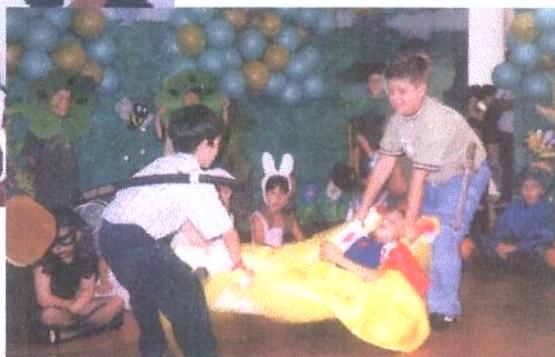
A escola realiza esse projeto com todas as turmas, por acreditar que, através dos Contos de Fada, que são formas simbólicas, a psiquê se manifesta contribuindo para o desenvolvimento das crianças.

Os contos têm importância principalmente no nível afetivo, pois com eles as crianças lidam simbolicamente com seus impulsos agressivos, medos, culpas e ansiedades.

Ao participar da narrativa dos contos, as crianças conseguem um melhor equilíbrio de suas forças, tornando-se mais tranquilas e receptivas; há a expressão dos conflitos de forma mais apropriada e a busca da superação dos mesmos, adaptando-os às suas vidas.



Os alunos apresentam a Bela e a Fera ...



... e a Branca de Neve para todos.

Para que as crianças se desenvolvam na esfera afetiva, cognitiva e social, o colégio ainda oferece oficinas extracurriculares como escola de futebol, computação, Inglês (convênio CNA), ballet e capoeira, nas quais todas as crianças da escola podem e têm a possibilidade de escolher de qual oficina participar.



Diversos alunos participam das oficinas, dentre elas a capoeira

A forma como a Escola se organiza pedagogicamente nos faz crer que ela busca atender à necessidade vital da criança, ou seja, proporcionar ambientes e situações diversas em que as crianças possam “[...] chegar ao seu pleno desabrochar como um indivíduo autônomo, um ser social responsável, co-detentor e co-edificador de uma cultura.[...]” (Sampaio, 1994, p. 213)

Para tal objetivo, não há manuais ensinando como os professores devem agir na sala de aula quando têm um aluno com deficiência, mas o contato, a vivência com todos, faz com que os professores busquem “se especializar” em todos os alunos.

Visando ter sempre professores conscientes e preparados para o tipo de ensino que encontramos no Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, diversas

atividades são desenvolvidas com os professores, visando à sua formação continuada.

Neste sentido faz-se necessário, e o colégio intensifica nos seus professores, o estudo, a pesquisa, a reflexão e a busca por metodologias para que todas as crianças sejam beneficiadas. Com este intuito, os professores realizam atividades de:

- ✓ **Supervisão psicopedagógica:** é realizada através de encontros na escola entre os professores e a supervisora, perpassando um total de 2h/semanais. Nestes encontros ocorre a discussão da prática da sala de aula, das dificuldades encontradas pelos professores. A partir dessas discussões são propostas soluções e/ou idéias.  
Existem três grupos: maternal e jardim, jardim e pré-escola e ensino fundamental, os quais contam também com a participação dos professores das demais oficinas da escola (artesanato, capoeira, Inglês, formação humana, etc);
- ✓ **Cursos:** são propostos pela equipe pedagógica, de acordo com os interesses e as dificuldades dos professores. Desta forma, são trazidos à coordenação que busca pessoas apropriadas para atenderem seus anseios. Por exemplo, a educação matemática e o trabalho com braille foram temas propostos pelos professores e oferecidos para toda a escola;
- ✓ **Grupos de estudos:** são realizados uma vez por mês, com duração de 2h. A organização destes grupos é iniciativa dos próprios professores, não existindo separação e/ou determinação entre grupo de educação infantil e ensino fundamental.  
Os textos a serem estudados são propostos pela equipe pedagógica ou pela supervisão; todos têm acesso a estes textos, porém o grupo de estudo de cada tema é montado conforme interesses pessoais de cada professor. Com isso, podemos encontrar professores participando de mais de um grupo, e outras vezes, de nenhum.  
Alguns temas que surgiram para a realização desses grupos foram: educação sentimental, ética, avaliação e portfólio. Este último será

realizado posteriormente, com todos os professores da escola, devido à implantação deste recurso no próximo ano nas salas de aula;

- ✓ **Grupos de auto-conhecimento:** realizados uma vez por mês, com duração de 2h, para toda a equipe pedagógica. São realizados com base na psicologia analítica de C. G. Jung, e consistem na narrativa do conto de fada por uma psicóloga. As vivências das narrativas são traduzidas pelos professores através de desenhos, de dramatização, de modelagem em argila ou pintura registrando o que foi mais significativo no conto.

Esses grupos têm por objetivo proporcionar aos professores melhor conhecer as suas possibilidades e limitações, pois a Escola considera que a pessoa mais integrada consigo mesma, torna-se um professor melhor, um professor autônomo que incentiva e estimula o seu aluno a ser também autônomo.

Esses encontros contribuem para a formação dos professores, porque a vivência destes contos permite resgatar o mundo simbólico, esquecido desde a infância, além da identificação com os personagens, seus problemas e soluções.

Como exemplo, podemos citar o encontro que trabalhou o conto “Cobra Norato”<sup>9</sup>. Após a narrativa, os professores expressaram plasticamente com a argila o que acharam mais significativo e comentaram sobre a transformação do personagem, de cobra em homem, e a importância da busca da transformação por parte dos próprios participantes.

Com isso, percebemos que o encontro possibilita oportunidades de auto-reflexão e crescimento pessoal, que levam ao aperfeiçoamento profissional;

---

<sup>9</sup> autoria de Cascudo, Luís da C. In: **Lendas Brasileiras**. RJ: Ediouro, 2000.



Expressão plástica das professoras após estudo do conto Cobra Norato

- ✓ **Relatos de experiências:** não possuem data específica para a realização, pois acontecem quando um dos professores realiza uma atividade com sua turma; têm uma repercussão muito boa porque o grupo se reúne e compartilha a experiência.

Segundo a supervisora psicopedagógica, através destas vivências, há uma retro-alimentação, ou seja, os professores se ‘alimentam’ com o êxito do colega, e ficam estimulados a desenvolver mais atividades interessantes.

Com exemplo, podemos citar o trabalho realizado com uma turma de maternal: ‘Cadê o docinho que estava aqui...’ A turma trabalhou cantigas de roda sobre alimentação, e, conforme surgiam frutas ou outro tipo de comida, eles próprios iam para a cozinha fazer e comer. Assim, quando surgiu nas cantigas a fruta maçã, os alunos fizeram a maçã do amor para eles próprios;

- ✓ **Talentos – aprendendo com os colegas:** são organizados pelos professores, conforme aprendizagens diferentes adquiridas em curso realizado fora da escola, ou relacionado à faculdade que está cursando. Como exemplo, temos a professora Gleice que está se graduando em Desenho Plástico, pela FESB. As técnicas de pintura que ela aprende sobre a pré-história da arte apresenta aos demais professores, que usufruem desta aprendizagem nas salas com seus alunos.

A divulgação do trabalho que a escola realiza acontece através da publicação do jornal semestral: “A Gaivota” que tem tiragem de 5 mil exemplares.

### **... e financeiramente**

O Colégio oferece bolsas de estudos aos seus alunos mais necessitados, pois é mantido pelo Instituto Social e Educacional - ISE, que recebe verbas do Município e do Estado para esse fim. Em decorrência disto, no início de cada ano, conforme a Planilha de Custos do Colégio, determina-se o número de bolsas que poderá ser oferecido aos alunos.

Essas bolsas serão oferecidas enquanto as verbas forem enviadas ao ISE; caso cessem, esse oferecimento sofrerá alterações.

Os alunos recebem, geralmente, de 18 a 20% de desconto nas mensalidades, mas aqueles que possuem maiores dificuldades para pagá-las recebem uma bolsa maior. Cada bolsa refere-se a um caso, que é estudado particularmente pela direção do colégio e, de acordo com as necessidades e aprovação do Conselho da Escola, aumenta-se a porcentagem da bolsa de estudos concedida. Há casos que recebem bolsa integral.

Neste ano de 2001, o colégio está com 450 alunos distribuídos nos períodos integral e parcial. Para os alunos de período parcial, a mensalidade custa R\$ 222,77, porém, graças à verba recebida pelo ISE, todos os alunos têm uma bolsa de 41%, fazendo com que o valor final caia para R\$ 130,00; já para os alunos do período integral que pagariam R\$ 260,00, a bolsa reduziu o valor para R\$ 160,00.

Além desse desconto para todos os alunos, há crianças que não pagam a escola, são 23 alunos que têm bolsa total, e outros 25 alunos que recebem 50% de bolsa sobre o valor citado acima.

Desta forma, podemos resumir a situação das bolsas para os alunos, em 2001, da seguinte maneira:

- 25 alunos recebem bolsa parcial de 50% pagando R\$ 65,00 ou R\$ 80,00; 15 destes alunos são do período integral e o restante do período parcial;
- 23 alunos recebem bolsa integral; 16 destes são do período integral e 7 do período parcial.

### **Recursos físicos que atendem essa escola para todos**

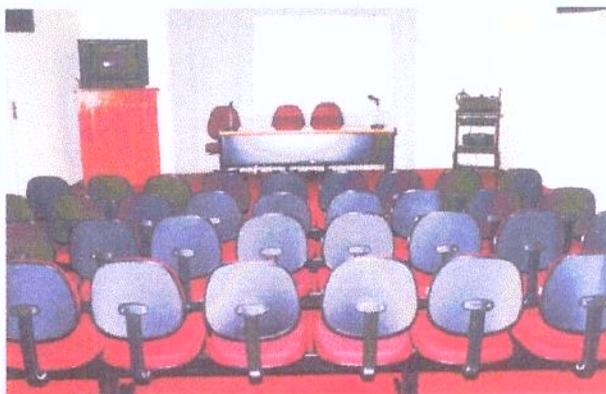
O Colégio está inserido em área de um hectare, oitenta e quatro ares e trinta e oito centiares, com 2.384m<sup>2</sup> da área construída em alvenaria. Possui 29 salas de aula, sala de professores, diretoria, sala de som, TV e vídeo, cozinha, refeitório, quadra poliesportiva, horta, playground, sanitários, casinha de boneca, instalação para animais, sala do aconchego, pátio coberto, área livre, pátio descoberto, laboratório de informática, laboratório de Ciências, sala de artes.

O prédio escolar está em perfeitas condições físicas, possuindo grandes salas de aula, iluminadas e arejadas que comportam cerca de 35 crianças, mas o colégio busca matricular de 20 a 30 alunos por sala.

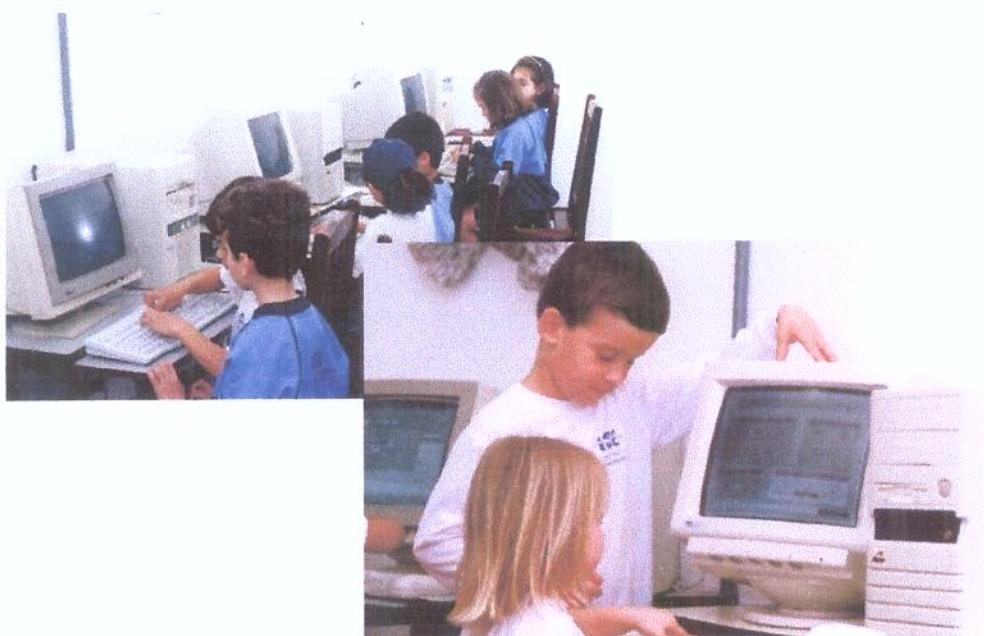
Todas as salas têm, além das cadeiras e mesas para as crianças e professores, armários, lousa, prateleiras e outros materiais para guardar objetos utilizados e produzidos durante as aulas.

As salas de Educação Infantil possuem brinquedos e jogos pedagógicos, além de material diversificado de papelaria para atender aos grupos. As salas de aula do Ensino Fundamental possuem, além dos recursos das salas de aula da Educação Infantil, um computador e uma impressora para uso do grupo em atividades de aula.

O auditório é mobiliado com cadeiras apropriadas para receber até 70 pessoas, quadro branco com pincéis, retroprojeto, TV, vídeo cassete, microfones e equipamentos de amplificação sonora.



No laboratório de informática existem atualmente 6 computadores, sendo um servidor de rede, conectado aos computadores das salas de aulas do Ensino Fundamental, 5 impressoras além de softwares educativos e cd-roms educativos e científicos.



Na sala de vídeo, TV e som há muitas fitas, documentários e vídeos de produção científica. A sala de literatura infantil (sala do aconchego) possui livros infanto-juvenis, cd-roms, coleção completa dos contos de fada clássicos compilados pelos irmãos Grimm e coleções completas de Andersen e Perrault, além de fantoches, teatro de madeira e de tecido.

No playground encontramos brinquedos variados que atendem às múltiplas idades, casinha de boneca com sofás, mesas, cadeiras, fogão, geladeira, tudo adaptado ao tamanho dos alunos.



O Colégio possui um grande salão para festas, no qual, além das realizadas pela escola, alunos fazem apresentações teatrais.



Salão durante uma das apresentações dos contos de fada

Em volta do prédio há um jardim, com flores, árvores, folhagens; um lugar muito agradável, onde diariamente as crianças brincam, passeiam, lêem, escrevem ou descansam debaixo das grandes árvores.



Visando colocar os alunos em contato com o meio ambiente, há dois anos, o colégio montou um mini-zoológico, com diferentes espécies de aves exóticas, que são criadas nesse local, como por exemplo, pavão, cisne, galinha gigante, carolinas, perdizes, entre outras. As crianças têm contato direto com as aves, contemplando a beleza, aprendendo a cuidar delas e a preservar a Natureza.



O Colégio localiza-se em um bairro com muitos recursos, como padarias, farmácias, supermercados, escolas públicas e particulares, comércio em geral, igrejas diversas, feira livre, locadora, pizzaria, oficinas, além de uma Unidade de Saúde Mental, que é um órgão da Prefeitura Municipal, onde especialistas, tais como médicos psiquiatras e psicólogos atendem, gratuitamente, crianças, jovens e adultos com distúrbio mental ou emocional.

Alguns alunos que apresentam atrasos no desenvolvimento ou na aprendizagem são atendidos por psicólogos desta Unidade, que é um serviço destinado a atender à comunidade em geral.

Para o atendimento de crianças que possuem comprometimentos diversos existe a Associação Beneficente São Lucas que conta com uma equipe de voluntários de diversas áreas, como por exemplo, educacional e médica.

O Bosque dos Eucaliptos e diversas praças da cidade possibilitam às crianças diversas atividades de recreação e lazer.

Próximo ao Colégio há ainda a Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista -FESB, que é mantenedora da Faculdade de Ciências e Letras e do Instituto Técnico Profissionalizante -INTEP, local onde muitas professoras do Colégio cursam o ensino superior e realizam cursos de aperfeiçoamento profissional.

A FESB é vista pela escola e pelos pais de alunos como um Centro de Pesquisa. Há um relacionamento muito bom entre o colégio e a FESB, uma vez que os professores da Faculdade, muitas vezes, ministram palestras aos alunos, conforme o projeto que vem sendo desenvolvido nas salas de aula.

A cidade de Bragança Paulista tem Universidade, Biblioteca Pública, parques ecológicos, museus, ginásio de esportes, cinema, casa da cultura, clubes de campo, ou seja, há diversas possibilidades para que os alunos estejam participando, vivenciando novas experiências, em contato com os mais diversos recursos da comunidade bragantina.

## CONCLUSÃO

Como sabemos, o caminho para que se efetive uma educação inclusiva não é simples, não acontece através de manuais explicativos, de formas prontas; pelo contrário, este caminho enfrenta diversos problemas para a sua efetivação, para a compreensão das pessoas que não a conhecem.

Isso é comprovado no dia-a-dia e nas atitudes da escola cuja proposta estudamos. Existem momentos de acertos, de erros, momentos nos quais é preciso redirecionar ações as quais acreditava-se estarem dando certo.

É preciso vontade e empenho quando se busca realmente a efetivação de uma prática escolar inclusiva, que atenda a todos os alunos.

Para tal, é certo que esta escola esteja sempre pensando, refletindo, questionando seu trabalho e suas contribuições. Essas discussões não acontecem individualmente ou de forma fechada; englobam e admitem a participação dos alunos, dos professores e dos pais, afinal, a escola é considerada de todos e, por isso, todos devem participar.

O avanço de todos os alunos é o que espera a Escola Dom José Lafayette Ferreira Álvares, não excluindo ninguém, considerando que todas as crianças são bem-vindas na escola, e que podem contribuir para realizar o próprio vôo.

Este trabalho demonstra como a escola procura ser uma escola para todos, como ela se organiza para atender a todas as crianças sem segregar algumas, em um ensino à parte.

Assim é o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, uma escola que mudou sua estrutura, confiante na possibilidade de fazer uma educação de qualidade para todas as crianças.

Concordamos com Saint-Laurent (1997) ao nos apresentar que a “[...] *classe inclusiva não é uma panacéia [...]*” (p. 72), ou seja, não é remédio para todos os males das escolas, mas é o lugar no qual há a possibilidade de mudança tanto nas atitudes quanto nas práticas tradicionais.

Contando com o empenho dos professores, dos alunos, dos pais e da comunidade como um todo, poderemos atingir os princípios da inclusão dentro das

escolas. É preciso empenho e dedicação de todos em busca deste fim e, para tal, é importante existir qualidade nas intervenções dentro das salas de aula.

Para essa mesma autora (1997)

*[...] Os elementos chaves de uma classe inclusiva são a consultação e o ensino colaborativo, o tutorado pelos pares e a aprendizagem cooperativa. A classe inclusiva de qualidade proporciona ao aluno deficiente ser membro da comunidade, ter um melhor professor e estabelecer melhores relações com seus colegas [...] (p.72)*

O contato com o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares nos possibilitou grande aprendizado. Todos somos capazes de aprender e, para tal, é preciso oferecer diferentes alternativas para que cada criança escolha a que mais lhe agrada e que estiver ao seu alcance de realizar.

No contexto da inclusão, e acreditando que todas as crianças, conforme suas possibilidades são capazes de aprender, o professor deve entender que *"[...] o processo de conhecimento é tão importante quanto o seu produto final e que deve respeitar o ritmo da aprendizagem e o seu traçado, que cada aluno elabora, a partir de seus sistemas de significação e de conhecimentos adquiridos anteriormente [...]"* (Mantoan, 1997 (b), p. 124)

No Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares vivenciamos momentos em que as atividades e as atitudes dos professores, dos alunos, da direção, visavam à eliminação de obstáculos para que todos os educandos progredissem e se desenvolvessem plenamente.

Podemos afirmar que esta escola oferece aos seus alunos ambientes cooperativos com diversas oportunidades educacionais, de acordo com as especificidades de cada um dentro da mesma sala de aula, sem segregar nenhum deles, por motivo algum, encaminhando-os para salas especiais, ou serviços da mesma natureza que acentuam a exclusão.

O Colégio oferece ambientes livres de imposições e tensões afetivas, sociais e intelectuais. Nestes ambientes, a forma de trabalho possibilita um equilíbrio afetivo e cognitivo das crianças, uma constante motivação para a realização das atividades realizadas nos cantos e coletivamente, curiosidade acerca dos assuntos discutidos em sala, além da atenção que todos os alunos têm nas aulas, pois, afinal, aprendem significativamente.

Os alunos do Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares vivenciam desafios para desenvolver suas capacidades e, com essa liberdade, conquistam a autonomia intelectual e social, decidindo, escolhendo, buscando o conhecimento conforme suas necessidades e motivações.

O trabalho desenvolvido demonstra que esta escola luta pelo que propõe: a educação inclusiva.

A inclusão é expandida nesta escola com relação aos seus alunos e aos pais, e comunidade, uma vez que todos são bem-vindos, todos os alunos são considerados capazes de se desenvolverem, levando em conta suas possibilidades, e que o seu papel consiste em oferecer ensino de qualidade, proporcionando uma escola democrática a todos e um aprimoramento de seus professores, que segue a mesma linha.

Diante disso, podemos afirmar que o Colégio desenvolve sua proposta pedagógica considerando, como nos relata Mazzotta (citado por D'Antino, 1997): *"[...] a capacidade de crescimento do ser humano, que é ilimitada quanto a qualquer tentativa de previsão, ou seja, de antecipadamente indicar com precisão as possibilidades de cada um. [...]"* (p. 103)

Longe de ser uma escola que espera alunos homogêneos, que trata como iguais os diferentes, o Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares se mostra, de fato, inclusivo, baseando seu trabalho em relações que respeitam a diversidade e a pluralidade de pensamento, de sentimento, de conduta entre todos os seus membros, alunos, professores e pais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS...

*O conhecimento  
 Caminha feito lagarta.  
 Primeiro não sabe que sabe  
 E voraz contenta-se com cotidiano orvalho  
 deixando nas folhas vividas das manhãs  
 Depois pensa que sabe  
 e se fecha em si mesmo:  
 faz muralhas,  
 cava trincheiras,  
 ergue barricadas.  
 Defendendo o que pensa saber  
 levanta certeza na forma de muro  
 orgulhando-se de seu casulo.  
 Até que maduro  
 explode em vôos  
 rindo do tempo que imaginava saber  
 ou guardava preso o que sabia.  
 Voa alto sua ousadia  
 reconhecendo o suor dos séculos  
 no orvalho de cada dia.  
 Mesmo o vôo mais belo  
 descobre um dia não ser eterno.  
 É tempo de acasalar  
 voltar à terra com seus ovos  
 à espera de novas e prosaicas lagartas.  
 O conhecimento é assim  
 ri de si mesmo  
 e de suas certezas.  
 É meta da forma  
 metamorfose  
 movimento  
 fluir do tempo  
 que tanto tempo  
 que tanto cria como arrasa  
 a nos mostrar que para o vôo  
 é preciso tanto o casulo  
 como a asa.*

Mauro Iasi

A poesia acima pode ser associada ao Colégio Dom José Lafayette Ferreira Álvares, se considerarmos a sua prática, a forma como concebe o aprender, a importância que atribui a todos, como sendo membros participativos efetivando o trabalho da escola.

Com isso, relembramos que o conhecimento vive em constantes transformações, podendo ser comparado a um vôo, pois é a partir das vivências das pessoas no decorrer da vida, que o aprender e o conhecer vão adquirindo significados.

Desta forma, o vôo possibilita diversos caminhos, os quais nos possibilitam escolher qual, como e por que seguir.

Assim pensamos ser a escola: não se fechando em muralhas, com verdades absolutas e inquestionáveis, abrindo-se à comunidade para que todos a conheçam, aprendam juntos, partilhem o vôo no qual o saber e o conhecimento ampliam horizontes.

Nesta escola, existe tanto o casulo quanto a asa, ou seja, a teoria e a prática buscando estabelecer uma relação dialética, não se fechando em teorias, mas refletindo a prática, dialogando com a mesma, considerando todos os alunos, professores e pais como participantes desse vôo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda, GARCIA, Regina L. **O sentido da Escola**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000;

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus Editora, 2001;

ARAÚJO, Ulisses F. **O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil: sete anos de estudo longitudinal**. Mimeo, 2000;

ARROYO, Miguel. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F. B. (org) **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus Editora, 1999;

BARREIRA, Viviani R. V. **Um estudo sobre as relações entre a cooperação infantil e o trabalho em grupo em sala de aula**. Trabalho de Conclusão de Curso, Campinas: UNICAMP, 1998;

BASTOS, Lília [et. al.] **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. 5ª edição. Rio de Janeiro: JC Editora, 2001;

BORGES, Isabel C. N. Síntese do texto Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. **Revista da APEOESP**. nº 9, junho, 1998;

CASTRO, Maria A. B. de. **Inclusão Escolar: das intenções à prática: um estudo da implantação da Proposta de Ensino Especial da Rede Municipal de Ensino de Natal - RN** Dissertação Mestrado em Educação: Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas: [s.n.], 1997;

CORREA, Maria L., SOUZA, Kárita O. Algumas práticas da FORMAÇÃO CONTINUADA: entraves à implementação de mudanças político-pedagógicas? **Presença Pedagógica** v.7, nº 38, mar/abril 2001;

D'ANTINO, Maria E. F. A questão da integração do aluno com deficiência mental na escola regular. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997;

FEIL, Iselda T. S. **Alfabetização – um desafio novo para um novo tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983;

FIGA, M. E. As outras crianças. In: LARROSA, J.e DE LARA, N. (org.) **Imagens do outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998;

FLEURI, Reinaldo M. **Educação para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. Goiânia: Ed. UCG: Uberlândia. Ed. UFU, 1986;

FOREST, Marsha & PEARPOINT, Jack. Inclusão: um panorama maior. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997;

FONTANA, Roseli A.C., CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997;

FREINET, Celestin. **Modernizar a Escola**. Dinalivro, 1977;

\_\_\_\_\_ **Para uma escola do povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987;

\_\_\_\_\_ **Professora sim, tia não**. 10ª edição. São Paulo: Olho d'Água, 2000;

GOFFMANN, E **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorizada**  
Rio de Janeiro: Zahar, 1975;

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista.**  
Porto Alegre: Ed. Educação e Realidade Revistas e livros, 1991;

JOVER, A. Inclusão: qualidade para todos. **Nova Escola.** Ano XVI, nº 123, junho -  
1999;

JUPP, Kenn. **Viver plenamente - Convivendo com as dificuldades de  
aprendizagem.** Campinas: Papirus, 1998;

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro.  
In: LARROSA, J., DE LARA, N. P. (org) **Imagens do Outro** Petrópolis: Vozes,  
1998;

LA TAYLLE, Y., OLIVEIRA, M. K., DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon:  
teorias psicogenéticas em discussão** São Paulo: Summus, 1992;

MADER, Gabriele. Integração da pessoa portadora de deficiência: a vivência de um  
novo paradigma. In: MANTOAN, Maria Teresa E. [ et. col.] **A integração de  
pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São  
Paulo: Memnon, 1997;

MANTOAN, Maria T. E. Introdução. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A  
integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o  
tema.** São Paulo: Memnon, 1997(a);

\_\_\_\_\_ Inclusão escolar de deficientes mentais: que formação para  
professores? In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com  
deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon,  
1997 (b);

\_\_\_\_\_ **A contribuição piagetiana para a pesquisa e a reflexão pedagógica.** In: MANTOAN, M. T. E. **Ser e estar, eis a questão: explicando o deficit intelectual.** Rio de Janeiro: WVA, 1997;

\_\_\_\_\_ **A tecnologia aplicada à educação na perspectiva inclusiva.** LEPED/UNICAMP, mimeo;

\_\_\_\_\_ **Integração X Inclusão: Escola (de qualidade) para Todos. Pátio Revista Pedagógica.** 2, (5), 1998;

\_\_\_\_\_ **Todas as crianças são bem-vindas à Escola** Apostila. Faculdade de Educação/Unicamp. Campinas, 1998;

\_\_\_\_\_ **Não há mal que sempre dure...** Apostila. Faculdade de Educação/Unicamp. Campinas, 2000;

\_\_\_\_\_ **A inclusão escolar “pegou a escola de calças curtas”.** **Ser DOWN**, ano II, nº 4, março, 2001;

\_\_\_\_\_ **Pensando e fazendo educação de qualidade.** São Paulo: Moderna, 2001;

MARTINO, L. M. Sem distinção. **Educação** Ano 26, nº 224, dez/1999;

MASINI, Elcie F. S. Integração ou desintegração? Uma questão a ser pensada sobre a deficiência visual. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997;

MELLI, Rosana. **Inclusão, verdadeira e simplesmente uma questão de vontade.** mimeo;

\_\_\_\_\_ **Crianças com dificuldades escolares: uma abordagem terapêutica com contos de fada.** Campinas: UNICAMP Dissertação de Mestrado, 2001;

MITTLER, Peter. Inclusão escolar é transformação na sociedade. **Presença Pedagógica**. v. 5, nº30, nov/dez 1999;

MORENO, Montserrat [et. al] **Falemos de sentimento: a afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999;

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: UNESCO /Cortez Editora, 2000;

MOUSSATCHÉ, Anna H. Diversidade e processo de integração. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997;

MUCHAIL, Salma T. O mesmo e o outro: faces da história da loucura. In: MARIGUELA, M. (org.) **Foucault e a destruição das evidências**. Piracicaba: Editora Unimep, 1995;

PAULINO, Luciene R.A dinâmica de um ambiente cooperativo. In: **Transformar a educação: o nosso desafio**. Encontro Nacional de Professores do PROEPRE (18) Águas de Lindóia, 2001;

PESSOTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: Edusp, 1984;

SAINT-LAURENT, Lise. A educação de alunos com necessidades especiais. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997;

SAMPAIO, Rosa M. W. F. **FREINET evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione Ltda, 1994;

SOARES, Magda **Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;

SODRÉ, M. Cultura, diversidade cultural e educação. In: TRINDADE, A. L., Santos, R. **Multiculturalismo mil e uma faces da Escola** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000;

SILVA, Ceris S. R. da [et.al.] **Cadernos ESCOLA PLURAL 4 – AVALIAÇÃO dos processos formadores dos educandos** Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1996;

SILVA, Tomaz T. Teorias do currículo: o que é isto? In: SILVA, Tomaz T. **Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;

VIEIRA, Ricardo. Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. **Educação, Sociedade e Cultura**. nº 4, 1995;

\_\_\_\_\_ Da multiplicidade à educação intercultural: a antropologia da educação na formação de professores. **Educação, Sociedade e Cultura** nº 12, 1999;

XAVIER, Maria A. V. Minhas observações. In: MANTOAN, Maria T. E.[et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997;

WERNECK, Cláudia. **Quem cabe no seu todos?** Rio de Janeiro: WVA Editores, 1999.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Nilda, GARCIA, Regina L. **O sentido da Escola**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000;

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus Editora, 2001;

ARAÚJO, Ulisses F. **O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil: sete anos de estudo longitudinal**. Mimeo, 2000;

ARROYO, Miguel. Experiências de Inovação Educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F. B. (org) **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus Editora, 1999;

BARREIRA, Viviani R. V. **Um estudo sobre as relações entre a cooperação infantil e o trabalho em grupo em sala de aula**. Trabalho de Conclusão de Curso, Campinas: UNICAMP, 1998;

BORGES, Isabel C. N. Síntese do texto Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. **Revista da APEOESP**. nº 9, junho, 1998;

CASTRO, Maria A. B. de. **Inclusão Escolar: das intenções à prática: um estudo da implantação da Proposta de Ensino Especial da Rede Municipal de Ensino de Natal - RN** Dissertação Mestrado em Educação: Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas: [s.n.], 1997;

D'ANTINO, Maria E. F. A questão da integração do aluno com deficiência mental na escola regular. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas**

**com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997;

FEIL, Iselda T. S. **Alfabetização – um desafio novo para um novo tempo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1983;

FLEURI, Reinaldo M. **Educação para quê? Contra o autoritarismo a relação pedagógica na escola.** Goiânia: Ed. UCG: Uberlândia. Ed. UFU, 1986;

FOREST, Marsha & PEARPOINT, Jack. Inclusão: um panorama maior. In: **MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997;

FONTANA, Roseli A. C, CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997;

FREINET, Celestin. **Modernizar a Escola.** Dinalivro, 1977;

GOFFMANN, E **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorizada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975;

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Ed. Educação e Realidade Revistas e livros, 1991;

JUPP, Kenn. **Viver plenamente – Convivendo com as dificuldades de aprendizagem.** Campinas: Papirus, 1998;

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, J., DE LARA, N. P. (org) **Imagens do Outro** Petrópolis: Vozes, 1998;

MANTOAN, Maria T.E. Introdução. In: MANTOAN, Maria T. E.[et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997(a);

\_\_\_\_\_ Inclusão escolar de deficientes mentais: que formação para professores? In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997 (b);

\_\_\_\_\_ <sup>X</sup>Integração X Inclusão: Escola (de qualidade) para Todos. **Pátio Revista Pedagógica.** 2, (5), 1998;

\_\_\_\_\_ <sup>X</sup>**Todas as crianças são bem-vindas à Escola** Apostila. Faculdade de Educação/Unicamp. Campinas, 1998;

\_\_\_\_\_ **Não há mal que sempre dure...** Apostila. Faculdade de Educação/Unicamp. Campinas, 2000;

\_\_\_\_\_ **Pensando e fazendo educação de qualidade.** São Paulo: Moderna, 2001;

MARTINO, L. M. Sem distinção. **Educação** Ano 26, nº 224, dez/1999;

MASINI, Elcie F. S. Integração ou desintegração? Uma questão a ser pensada sobre a deficiência visual. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997;

\_\_\_\_\_ MELLI, Rosana. **Inclusão, verdadeira e simplesmente uma questão de vontade.** mimeo;

\_\_\_\_\_ **Crianças com dificuldades escolares: uma abordagem terapêutica com contos de fada.** Campinas: UNICAMP Dissertação de Mestrado, 2001;

MITTLER, Peter. Inclusão escolar é transformação na sociedade. **Presença Pedagógica.** v. 5, nº30, nov/dez 1999;

MOUSSATCHÉ, Anna H. Diversidade e processo de integração. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997;

MUCHAIL, Salma T. O mesmo e o outro: faces da história da loucura. In: MARIGUELA, M. (org.) **Foucault e a destruição das evidências.** Piracicaba: Editora Unimep, 1995;

PESSOTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência.** São Paulo: Edusp, 1984;

SAINT-LAURENT, Lise. A educação de alunos com necessidades especiais. In: MANTOAN, Maria T. E. [et. col.] **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 1997;

SAMPAIO, Rosa M. W. F. **FREINET evolução histórica e atualidades.** São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1994;

SILVA, Ceris S. R.da [et. al.] **Cadernos ESCOLA PLURAL 4 –AVALIAÇÃO dos processos formadores dos educandos** PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1996;

VIEIRA, Ricardo. Da multiplicidade à educação intercultural: a antropologia da educação na formação de professores. **Educação, Sociedade e Cultura** nº 12, 1999.